



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

WILNAN CUSTÓDIO DE OLIVIERA

**PROPOSTA DE MODELO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA E DESCRITIVA EM
ARQUIVOS DE TELEJORNALISMO**

FORTALEZA
2022

WILNAN CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

**PROPOSTA DE MODELO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA E DESCRITIVA EM
ARQUIVOS DE TELEJORNALISMO**

**Monografia apresentada ao curso de
bacharelado em Biblioteconomia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de bibliotecário. Área
de concentração: Ciência da Informação.**

**Orientador: Prof. Ma. Cyntia Chaves de
Carvalho Gomes Cardoso.**

**FORTALEZA
2022**

WILNAN CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

**PROPOSTA DE MODELO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA E DESCRITIVA EM
ARQUIVOS DE TELEJORNALISMO**

Monografia apresentada ao curso de bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bibliotecário. Área de concentração: Ciência da Informação.

Aprovada em: ____/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Cyntia Chaves de Carvalho Gomes Cardoso (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Eulalia Emilia Pinho Camurça
Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

À força de vencer que ele me deu!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo seu amparo e pela força que ele me concedeu nesta longa caminhada.

Agradeço de coração pela oportunidade dada pela Universidade Federal do Ceará para realizar um curso superior, através deste se abriram as oportunidades e muitas vitórias.

Aos professores da universidade, e a minha orientadora, professora Cyntia Chaves pela compreensão e atenção.

E à bibliotecária Carmen Lúcia, pela atenção por ter contribuído imensamente com a minha vida profissional.

RESUMO

Inúmeros são os desafios que permeiam as ciências que se dedicam aos estudos dos fenômenos informacionais e à informação como objeto. Do século XIX ao XXI, os meios de comunicação cresceram e evoluíram sua atuação através do avanço tecnológico. A internet trouxe consigo muitas inovações e mudanças na velocidade de circulação da informação. Entretanto, a televisão continua a ser um veículo de grande abrangência, principalmente entre as classes sociais mais baixas. O processo de arquivamento dos documentos audiovisuais produzidos pela mídia televisiva precisa estar alinhado a padrões de recuperação da informação. Partindo do paralelo entre Ciência da Informação e Ciência da Comunicação, a pesquisa buscou tecer pontos de ligação entre as duas áreas e áreas, propondo, como objetivo geral, um modelo de representação temática e descritiva para facilitar a comunicação entre os profissionais envolvidos com o arquivo e a formação de seu acervo e, como objetivos específicos, identificar o modelo de comunicação compartilhado entre jornalistas e profissionais do arquivo pesquisado, caracterizar arquivo de televisão, propor um modelo de representação descritiva e temática que contribua para a celeridade da comunicação entre os profissionais envolvidos. A metodologia adotada foi a pesquisa de caráter exploratório de levantamento bibliográfico, associado à experiência do autor ao ambiente de arquivo telejornalístico e ao contato direto com jornalistas, que mediante ao constatado empiricamente e o resultado final foi um modelo de ficha para indexação de documentos telejornalísticos.

Palavras-chave: telejornalismo; representação descritiva; representação temática; arquivos.

ABSTRACT

There are countless challenges that permeate the sciences dedicated to the study of informational phenomena and information as an object. From the 19th to the 21st century, the means of communication grew and evolved their performance through technological advances. The internet brought with it many innovations and changes in the speed of information circulation. However, television continues to be a wide-ranging vehicle, especially among the lower social classes. The archiving process of audiovisual documents produced by television media needs to be aligned with information retrieval standards. Starting from the parallel between Information Science and Communication Science, the research sought to weave connecting points between the two areas and areas, which have information as their object of study. The importance of archival and librarianship document management techniques for journalism is also due to the amount of information generated, and the immediacy of journalistic activity and improvement of information representation models can further optimize this process. In view of this, the present research was carried out in an exploratory nature of a bibliographical survey, associated with the author's experience in the telejournalistic archive environment and direct contact with journalists, who, based on empirical evidence, proposed a form model for indexing documents television news.

Keywords: telejournalism; descriptive representation; thematic representation; files.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO SOCIAL	12
3	ARQUIVOS DE TELEVISÃO	26
3.1	Arquivos das Principais emissoras	31
3.1.1	TV Record	31
3.1.2	TV Bandeirantes	33
3.1.3	TV Cultura	34
3.1.4	TV Gazeta	36
3.1.5	TV Globo	37
3.1.6	Rede TV	37
3.1.7	Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)	38
3.2	Profissionais do arquivo	38
3.3	Arquivo de telejornalismo	45
4	REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	51
4.1	Representação descritiva	55
4.2	Representação temática	58
5	PROPOSTA DE MODELO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA PARA IMAGENS DE VÍDEO	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Em arquivos de televisão, onde atuam arquivistas e bibliotecários, a representação descritiva e temática é um ativo importante na precisão da informação que os jornalistas levam a sociedade. Ao lembrar um fato, os jornalistas precisam do auxílio e da precisão na recuperação dos documentos, bem como a certeza das informações contidas neles. Isso evidencia, de forma mais latente, a importância do trabalho de arquivistas e bibliotecários nas mídias de massa, sendo estes fundamentais na preservação da memória coletiva e até no combate à desinformação.

Os arquivos dentro de empresas de comunicação, devem ser entendidos como organizações que trabalham através da parceria entre profissionais de informação. Sobre o profissional da informação Almeida (2000) diz que “na verdade, essa é uma designação não específica do bibliotecário, mas que abrange um grupo de profissionais que atuam tendo como base a informação”, transcendendo, portanto, as fronteiras da Ciência da Informação (CI).

Para Valentim (2000), as mudanças e os novos contextos da circulação e gestão da informação no mundo cada vez mais tecnológico está afetando “de maneira mais complexa os modelos tradicionais de trabalho de bibliotecários, arquivistas, museólogos, jornalistas, entre outros, porque o objeto de trabalho desses profissionais é a informação”. Conforme dito pela autora, as chamadas novas mídias provocaram mudanças no exercício do trabalho de todos os profissionais da informação, inclusive de bibliotecários e arquivistas, que precisam detalhar ainda mais os documentos, para eventualmente dar sua contribuição no combate das chamadas *fake news*.

Partindo dos fenômenos descritos, é perceptível muitas vezes o desconhecimento do poder que essas unidades de informação têm. Gerir informações, que diariamente são revisitadas para serem contadas e recontadas para milhões de pessoas, é um atributo que multiplica o poder de um arquivo ou uma biblioteca, dentro de uma empresa de comunicação, em comparação a outros tipos de arquivos ou bibliotecas. Imagine o poder que um arquivo de uma empresa de comércio de eletrônicos tem ao gerir seus documentos em comparação ao poder de massificação dos documentos, que um arquivo de televisão possui, gerando informações que todos os dias são disponibilizadas a milhões de famílias brasileiras.

Diante da realidade atual podemos nos questionar se podemos melhorar e como podemos precisar ainda mais a indexação e a representação descritiva dentro de arquivos de televisão? A resposta é sim, diante da possibilidade de aprimoramentos dos modelos de

representação dos documentos através da parceria da redação e seus jornalistas com o arquivo e os bibliotecários e arquivistas responsáveis.

Nesse estudo, destacamos algumas interseções entre a Ciência da Informação (CI) e a área da Comunicação Social na relação que estabelecem com o insumo *informação*. Apesar de estudarem o mesmo fenômeno, ainda carecem de uma maior aproximação. O estudo dos arquivos de telejornalismo é terreno fértil para essa aproximação.

Para José Marques de Melo (1977, p. 32), em relação ao objeto de estudo da área da comunicação:

[...] processo de comunicação tem como objeto central a informação, transmitida por um comunicador a um receptor, utilizando um canal e um sistema de códigos específicos e posteriormente recuperados para a transmissão de novas informações.

Num primeiro momento, enfatizamos a importância dessa interação, explicando um pouco sobre cada uma dessas ciências, a fim de justificar a importância desta pesquisa e o ganho para as áreas. Pretendemos contribuir com a área da Comunicação, que precisa de celeridade no processo de disseminação da informação, e da CI, que sabe como armazenar e recuperar a informação de forma correta, e também preza pela qualidade informacional.

Como sabemos e vemos no nosso dia a dia, diversas ciências são interdisciplinares, como a medicina, a biomedicina, a biologia e a química. Uma ciência interage com outra, ligando-se a ela, quando uma complementa o conhecimento adquirido pela outra. Sendo assim, a pesquisa deve ajudar até mesmo como o estudo da informação se dá dentro da comunicação e relacionar ela com a realidade que temos dentro da CI e na Biblioteconomia.

No terceiro capítulo, a pesquisa irá mostrar um histórico da criação dos arquivos de televisão no Brasil, e suas divisões mais básicas em arquivos de teledramaturgia e de telejornalismo. Exemplificando também a atuação dos profissionais do arquivo e as especificidades que tem os arquivos de telejornalismo, os suportes da informação, e os documentos dos acervos.

A quarta parte do trabalho irá explicar melhor como funciona a representação descritiva e temática dentro dessas unidades de informação e como eles são importantes para recuperação precisa da informação, que contribui com a qualidade do jornalismo levado ao ar na televisão.

Por fim, o quinto capítulo irá tratar de um modelo de tabela que auxilie jornalistas a especificarem as informações sobre as imagens das matérias, facilitando uma indexação rica por arquivistas e bibliotecários, aumentando a precisão e diminuindo a generalidade dos documentos.

Assim, com o intuito de contribuir para a celeridade do tráfego de informações trocadas entre jornalistas e profissionais do arquivo, o objetivo geral da pesquisa foi propor um modelo de representação temática e descritiva em arquivos de telejornalismo. Os objetivos específicos se dedicaram a: 1) identificar o modelo de comunicação compartilhado entre jornalistas e profissionais do arquivo pesquisado; 2) caracterizar arquivo de televisão; 3) propor um modelo de representação descritiva e temática que contribua para a celeridade da comunicação entre os profissionais envolvidos.

A metodologia aplicada à pesquisa foi descritiva e exploratória em relação aos objetivos, visto que, segundo Gil (1996), proporciona uma proximidade com a questão. Assim, durante o desenvolvimento do trabalho, foram realizadas conversas com jornalistas e bibliotecários atuantes em uma emissora de televisão sediada em Fortaleza no Ceará, onde também sou colaborador da equipe do arquivo. Foi cruzada então a prática do arquivo, onde foi observado o relacionamento entre profissionais da informação do arquivo e da redação, e a melhor forma de otimizar a representação da informação, para trazer então eficácia e eficiência na recuperação dos documentos e na qualidade do atendimento.

A partir disso, foi necessário aporte teórico que corrobora as constatações evidenciadas na atividade do arquivo, tanto em relação a documentação catalogação dos documentos, como na satisfação do usuário com o atendimento realizado. Cabe destacar que diferente de uma biblioteca, em um ambiente de arquivo o usuário assim como o bibliotecário e arquivista, também é profissional da informação, no caso, jornalistas. Assim foi construída hipóteses que nos levaram ao modelo de representação a partir da ficha documental proposta no capítulo cinco do trabalho.

O procedimento de coleta de dados foi realizado então através de pesquisa bibliográfica e documental, com enfoque qualitativo para melhor representação possível com a utilização de uma representação exaustiva, ou seja, mais específica.

Mediante a experiência adquirida pelo exercício da atividade no arquivo de telejornalismo, o primeiro procedimento de pesquisa foi o levantamento bibliográfico de teorizam sobre Ciência da Informação, Comunicação, e sobre a organização e gestão da informação em arquivos de televisão. Em seguida foi realizada a primeira parte da pesquisa, explorar as semelhanças e as diferenças entre as áreas acima relatadas, e importância dessas relações para a gerência dos documentos de telejornalismo. E dele foi proposto a ficha final com um modelo de representação dos documentos.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO SOCIAL

Sobre a informação, é obrigatório destacar que ela é essencial para o desenvolvimento de qualquer sociedade. E a sua preservação é essencial para o desenvolvimento e para a cultura e memória das comunidades humanas. Valentim (2000) destaca que o desenvolvimento das sociedades está ligado diretamente à valorização e à relação entre ela e a informação.

[...] da evolução das tecnologias da informação, existe a questão da importância que a sociedade atribui à informação. A importância dada pela sociedade é diretamente proporcional ao seu desenvolvimento; quanto mais desenvolvido um país, maior é o nível de produção informacional e, conseqüentemente, maior é o valor que a sociedade outorga à informação. De outro lado, os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento produzem um menor número de informações e a sociedade não atribui valor à informação porque suas necessidades são básicas, ou seja, a sociedade, neste caso, quer saúde, saneamento básico, educação, segurança etc. (VALENTIM, 2000, p. 135)

O arquivamento da informação é fundamental, já que narra fatos cotidianos, mas que muitas vezes podem se tornar históricos e que estão ligados à cultura, exemplo podemos falar em arquivos de partidas de futebol da seleção brasileira ou de arquivos com imagens de figuras importantes da música popular brasileira, ou mesmo a própria informação científica e os avanços de ciências como a medicina. De certa forma, a preservação desses acervos é algo de interesse público. Assim, a Ciência da Informação se junta à História e a Comunicação, para preservação da memória desses fatos ao longo do tempo.

Desde a virada do século, os debates dentro da CI foram permeados por pesquisas que mostram uma sociedade que gira de uma forma cada vez mais intrínseca com a informação. Fato que a informação e o avanço da tecnologia para o acesso a ela, modificou a forma como nos comunicamos. Na atualidade, através de aplicativos de mensagens instantâneas, podemos nos comunicar com outras pessoas em qualquer parte do planeta. Através dessas mensagens uma nova forma de espalhar notícias falsas também surgiu e trouxe consigo muitos desafios às áreas que estudam os fenômenos da informação.

Diante dos contextos atuais de informação, a ligação entre a Ciência da Informação e a Comunicação, se faz importante, até mesmo para valorização de um trabalho que aproxima as áreas da Arquivologia e da Biblioteconomia com o Jornalismo. Os avanços tecnológicos apresentam novos desafios para esses profissionais que diariamente trabalham com a mediação da informação.

A ciência tem seu surgimento na Grécia, chegando ao seu apogeu no século XVII, após a terrível idade das trevas na idade média, tempo sob qual a ciência permaneceu subjugada à religião. Weber diz que a evolução da ciência e dos cientistas ao longo do tempo, tirou o coração dos mesmos, ou seja, seu lado emocional e humano, onde o autor também destaca o processo de especialização da ciência, e a perda do sentido profético ou sagrado (WEBER, 2006).

A partir do século XX, a ciência passou a ser questionada e cobrada a adotar uma postura mais interdisciplinar, onde teve sua capacidade de resolver problemas sob suspeita. Assim a interdisciplinaridade vem propondo uma nova maneira para constituição da Ciência, que “corresponde a uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico”. (JAPIASSU; MARCONDES, 2006, p. 150).

Após a segunda guerra mundial, o mundo viu o surgimento de várias ciências novas, que nasceram e se tornaram características por serem interdisciplinares. Foi nesse novo contexto que surgiu a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação. Ganhando tração e importância diante dos avanços tecnológicos, da velocidade e do aumento da produção de informação.

O termo interdisciplinaridade tem registro documental pela primeira vez em 1937, através do sociólogo Louiz Wirtz. Porém a Academia de Ciências dos Estados Unidos já havia utilizado a expressão “cruzamento de disciplinas” e o Instituto de Relações Humanas da Universidade de Yale a “demolição das fronteiras disciplinares”. (MARICATO e REIS, 2017).

Apesar de ser difícil a conceituação da interdisciplinaridade, Maricato e Reis (2017) defendem que ela deve se ater a uma relação recíproca entre uma ciência em relação a outra, e entre os seus pesquisadores. Entretanto nem sempre é de fato o que acontece. Conforme veremos adiante as relações entre a CI e CC¹, não apresentam tanta paridade uma com a outra. Para Japiassu e Marcondes (2006, p.150) a interdisciplinaridade pode ser:

Método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação podendo ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa.

O debate em torno da interdisciplinaridade é complexo, mas traz importantes avanços para o conhecimento humano. Japiassú considera que reconhecemos a interdisciplinaridade de disciplina:

¹ Sigla para Ciência da Comunicação.

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicas, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Donde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos. (JAPIASSÚ, 1976, p. 75, grifos do autor).

Sem dúvidas parte da relação entre elas, se dá ao próprio nome, informação e comunicação, que parecem ser sinônimos. A primeira vista até pode ser possível para leigos a confusão do nome Ciência Informação, ser algo mais associado ao Jornalismo, que pertence a comunicação, do que a Arquivologia ou a Biblioteconomia. Mas memorando uma feliz colocação muito importante para esta pesquisa, Stumpf e Weber (2003, p. 122), dizem que a informação só existe quando comunicada e a comunicação não existe sem a informação.

A interdependência entre a comunicação, enquanto processo cultural e de sociabilidades, e a informação como produto resultante e, simultaneamente, estimulador desse processo, sinaliza que, embora as áreas do conhecimento que se ocupam dessas temáticas detenham especificidades e focos diferenciados, há uma interligação marcante entre ambas. (GONZÁLEZ DE COMEZ, 2000).

Como já referido, a Comunicação e a Ciência da Informação, surgem em um contexto pós segunda guerra, onde as várias ciências que se formam nessa época, tinham por característica uma atuação e fronteira interdisciplinar. Pombo (2003) apud Maricato e Reis (2017, p, 166), apresenta:

o aparecimento de três grandes novos tipos de formações disciplinares: a) ciências de fronteiras; b) interdisciplinas; e c) interciências. As interdisciplinas são novas disciplinas que surgem do cruzamento das disciplinas científicas com o campo industrial e organizacional, como por exemplo, relações internacionais e organizacionais, sociologia das organizações, psicologia industrial etc. Assim, acredita-se que a CI e a CC são exemplos dessa conversa entre campos científicos, industriais e organizacionais e que as mesmas mantêm fortes relações entre si.

Se os avanços das primeiras revoluções industriais criaram o que chamamos de sociedade de massa, os avanços tecnológicos atuais potencializam ainda mais essa necessidade de interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e a Comunicação, sendo que apesar da consolidação pós segunda guerra alguns teóricos e filósofos, já teorizam sobre os fenômenos info-comunicacionais dos seres humanos. O grego Aristóteles em suas pesquisas e estudos

sobre a retórica, dividiu o processo de comunicação em três partes, o locutor, o discurso e o ouvinte, trazendo à luz as primeiras teorizações para a área da comunicação. Já a Ciência da Informação, tem suas preocupações atuais, presentes na antiguidade, durante a extinta Biblioteca de Alexandria.

Diante desses esclarecimentos, temos a possibilidade de caracterização dos estudos da comunicação como processo no desenvolvimento da civilização ao longo do tempo, e dos estudos de profissionais e que trabalham com a comunicação de massa para algum fim, surgindo as especificações dentro da área, no caso o Jornalismo, a Publicidade e Propaganda e as Relações públicas. Para Temer e Nery (2009, p. 17) a Ciência da Comunicação: “designa um campo de estudo e/ou de reflexões teóricas e práticas sobre o desenvolvimento, intercâmbio e consequências do processo de transmissão e recepção de mensagens mediadas tecnologicamente na sociedade.” (TEMER; NERY, 2009, p. 17)

Assim a comunicação tem seus fenômenos sendo estudados desde Aristóteles no século II aC (FREIRES, 2007, p. 73). Conforme a comunicação tem uma presença intensa de áreas como psicologia e filosofia, que tem a ver com os processos de transmissão da informação de influência do comunicador sobre o meio. Assim, em outra conceituação, a Ciência da Comunicação pode ser definida como uma ciência que “procura abranger a produção, o tratamento e os efeitos de símbolos e dos sistemas de signos, através das teorias analisáveis, contendo generalizações legítimas que permitam explicar os fenômenos associados à produção, ao tratamento e aos efeitos” (BERGER; CHAFEE, 1987 citado por DEVÈZE, 1998).

Da mesma forma, a Ciência da Informação, mesmo com a consolidação somente na década de 1960, tem momentos anteriores que são de grande importância, como o surgimento da bibliografia, a biblioteconomia especializada, e a sistematização do Tratado de Documentação, de 1943, publicado pelo belga Paul Otlet (1868-1944).

Segundo Avila (2018, p. 9), “[...] a bibliografia apareceu no século XV, a partir da invenção da imprensa e o conseqüente aumento da produção de livros na Europa” e:

[...] fez com que alguns bibliógrafos, como Conrad Gesner e Johann Tritheim, produzissem as primeiras bibliografias, que consistiam em listagens dos livros existentes, sobre algum assunto, em diferentes bibliotecas de uma região, de um país ou de vários países. (AVILA 2018, p.9)

Com uma precursora da CI a bibliografia não vinha como uma proposta de juntar de forma física as obras e documentos com informações de uma determinada área do saber, mas sim de forma inovadora proporcionar a criação de catálogos sobre as ciências, que seriam então utilizados por pesquisadores, que depois desembocaram nos primeiros Cientistas da

informação, fato que aproximou muito a Ciência da Informação a um dos seus mais importantes campos de atuação, a comunicação científica.

Para Borko (1968), Ciência da Informação:

[...] é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima (BORKO, 1968, p. 3).

Assim os conceitos da Ciência da Informação são recentes e tem suas origens na área da Documentação e da Biblioteconomia, que para muitos autores acabaram por serem incorporadas pela CI. O CNPq citado por Oliveira (2005) defende que a CI “[...] designa o campo mais amplo de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, e que tem por objetivo o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber”.

Ainda segundo Borko (1968, p. 3): “A Ciência da Informação está preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados à origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação”. Para o autor, isso “[...] inclui a pesquisa sobre a representação da informação”, fundamental para uma pesquisa como esta que propõe uma interação maior no arquivo de telejornalismo, entre profissionais do arquivo e profissionais do jornalismo.

Tal questão traz à tona a interdisciplinaridade da Ciência da Informação, que segundo Le Coadic (2004, p. 20), “traduz-se por uma colaboração entre diversas disciplinas, que leva a interações, isto é, uma certa reciprocidade nas trocas, de modo que haja, em suma, enriquecimento mútuo”.

A literatura de ambas as ciências é ricamente interdisciplinar. O autor Martino (2006) diz que a área da Comunicação passou a ser vista como interdisciplinar a partir da década de 1980, enquanto na CI a troca com outras áreas foi concebida desde seu início, segundo Borko em 1968. Ainda hoje é considerado complexo a separação plena dos conceitos de informação, o que estabelece um ponto de interdisciplinaridade entre a CI e a CC. Para Araújo (2011, p. 55) as relações entre as duas ciências, “parece confluir num sentimento misto de amor e ódio, uma vez que, sendo campos afins, há a dificuldade de diferenciá-los, o que pode acarretar, ao mesmo tempo, pontos positivos e negativos”.

Infelizmente os estudos na Ciência da Comunicação não apontam grandes relações com a Ciência da Informação, questiono que tal perspectiva não acontece até mesmo por desconhecimento da CI. Porém, para Saracevic (1996), vale salientar que, por outro lado, a CI

tem um grande antecedente de beber e citar fontes da CC, estabelecendo relações próximas. As duas áreas, se entrelaçam no compartilhamento pelo interesse no estudo da comunicação humana, na compreensão do fenômeno da informação, e comunicação como processo, onde os dois devem ser compreendidos e teorizados de forma conjunta.

Durante o processo de surgimento e evolução da CI, estabeleceu relações de proximidade com diversas áreas, como a Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, sendo que com essas a forte ligação levanta a discussão se estão ou não abrigadas no guarda-chuva da CI, além delas a pertinência com a CC e a da CI.

Essas três áreas formam um grupo interdisciplinar nos estudos da informação, que segundo Pinheiro podem caracterizar um “triângulo disciplinar altamente dependente da nova ordem tecnocultural, [podendo], no futuro, levar à formação de uma disciplina com características transdisciplinares, do tipo Infocomunicação.” (PINHEIRO, 2005, p. 40).

A busca pela consolidação da área da Ciência da Informação, pode ser considerada um dos fatores que dificulta a interlocução e o processo interdisciplinar com a Ciência da Comunicação. Uma vez que é possível notar um receio de pesquisadores em descaracterizar as fronteiras de CI, e ocasionar uma confusão entre os conceitos de ambas.

Assim, a complexidade da discussão entre as duas, pode ser um dos fatores que contribuem para que os teóricos fiquem desconfortáveis com uma perspectiva interdisciplinar. Entretanto, apesar da resistência de alguns, é impossível negar que o processo de interdisciplinaridade entre eles começou, principalmente quando considerados que elas buscam fontes teóricas também em outras áreas. Segundo Smit e Tálamo (2007, p. 39) “a interdisciplinaridade pode ser caracterizada pela elaboração [...] de conceitos específicos da área, fertilizados por conceitos provenientes de outras áreas.” Diante disso é inegável o processo.

Referente à ligação entre a Comunicação e a CI, podemos citar Mendonça (2005, p. 287) teorizando que a informação é o produto da ciência, sendo o conhecimento o seu resultado. Conforme afirma, a ciência é produtora de informação, que gera conhecimento, que, por sua vez, gera mais informação, que produz ciência, em um movimento cíclico.

Smith (1992) chamava atenção para o fato de que alguns estudos teóricos propõem uma relação de proximidade entre áreas do conhecimento, entretanto sem haver estudos empíricos para a comprovação de tais alegações. Em estudo publicado no Periódico Perspectivas em Ciência da Informação, do PPGCI-UFMG, Maricato e Reis (2017), utilizam técnicas bibliométricas e cientométricas para investigar as relações entre a CI e CC, onde uma dessas métricas foram os autores utilizados em teses das duas áreas.

A pesquisa empírica realizou uma análise de teses dos programas de pós-graduação em CI e CC com maiores notas da Capes² cujo os resultados dos estudos estivessem disponíveis para acesso nos respectivos repositórios eletrônicos das instituições. Assim foram selecionadas teses da área da CI das universidades: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Estadual Paulista (Unesp); em CC: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Para coleta de dados, foram selecionadas as dez teses mais recentes de cada programa, num total de quarenta de cada área. Os pesquisadores recolheram dados referentes a autores, citações e professores que estiveram nas bancas de defesa das teses.

Na análise dos dados foi constatado um maior número de autores citados na CI em comparação à CC. Outra constatação foi a concentração dos números de autores da Comunicação, ao passo que a CI se apresentava de uma forma mais interdisciplinar. Entre os principais autores citados por ambas estavam Antônio Fausto Neto, José Luiz Braga, Vera Regina Veiga e Denise Cogo, todos ligados da comunicação, sendo ausente na CC autores da CI.

Ainda é difícil teorizar o porquê da ausência da Comunicação em importar autores da CI, entretanto pode se especular que seja a falta de conhecimento da existência da própria Ciência da Informação, do entendimento de profissionais que compõem a área, como arquivistas, bibliotecários e museólogos, como profissionais da informação.

Infelizmente, a área da Ciência da Comunicação não realizar pesquisas utilizando modelos científicos utilizados pela CI. São raros os trabalhos que trazem estudos relacionados a análises de citações, através da bibliometria e informetria, que são instrumentos fundamentais na avaliação matemática da informação e na avaliação da interdisciplinaridade e na descoberta no nível de relação entre as Ciências. Uma análise mais profunda desses métodos, pode ter o poder de mostrar o rico universo da CI aos pesquisadores do CC.

O estudo da informação sua comunicação como já dito, é a matéria prima das duas ciências, na CI o foco é uma abrangência maior, que se preocupa com acesso, a recuperação da informação, para vários tipos de usuários, na Ciência da Comunicação tem seu foco na divulgação da informação e no maior número de pessoas que pode atingir.

Explicitando a diferença entre as duas áreas, como já dito anteriormente, a CI, está ligada à seleção, preparação e disseminação da informação, para os mais variados públicos,

² A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação (MEC), desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação.

onde as necessidades dos usuários da informação são consideradas. A Comunicação, porém, aborda o fenômeno da informação em uma perspectiva do processo comunicacional, com um olhar para a relação entre emissor e receptor, a percepção deste receptor da informação recebida, os canais e meios de comunicação, e a massificação do processo.

Nos dias atuais observamos que a velocidade e o volume de informação gerada tem aproximado as fronteiras da CI e da Comunicação, sendo necessário a interdisciplinaridade e a cooperação entre as duas áreas. A informação gerada é disseminada nos diversos meios de comunicação e, conseqüentemente, precisa de um aporte ainda maior dos centros de documentação e a pluralidade de assuntos abordados no jornalismo diário, desafia os profissionais dos arquivos de TV no que diz respeito à representação e recuperação da informação.

As duas Ciências, têm como base compreender o fenômeno social do processo de comunicação da informação. Freires (2007), diz que as relações da CI com a Comunicação, podem ser olhadas por alguns ângulos diferentes, principalmente a interdisciplinaridade, onde eles têm a aproximação como resultado dos estudos sociais dos fenômenos da informação e disseminação do conhecimento.

No contexto tema, as Ciências da Comunicação têm se dedicado “aos estudos de audiência, persuasão, indústria cultural, identidades culturais e, mais recentemente, à revisão de seus conceitos implicada pelas novas tecnologias”. Já sua irmã, a CI tem se atentado “com a organização, o crescimento e a distribuição do conhecimento documentado, a relação entre sistemas de registro e recuperação e seus usuários, além de uma constante revisão do próprio conceito de informação, dada a abrangência de tal campo” (BRAMBILLA, 2004 *apud* FREIRES 2007, p. 141).

O agrupamento entre as duas Ciências em uma só, é um contexto que existe na França, segundo Couzinet em relação do Brasil a CI francesa “[...] apresenta na verdade a particularidade de estar ligada à pesquisa em Ciências da Comunicação [também em sua denominação corrente brasileira]. Essa associação, pouco comum na Europa e no mundo, na verdade influencia seu próprio desenvolvimento” (COUZINET, 2004, p. 21).

Mas Couzinet defende entretanto que apesar da relação, “ainda que, no plano institucional, informação e comunicação estejam associadas, é bem possível identificar dois campos distintos”. Pesquisadores das duas áreas estão submetidos às Ciências da informação, através da união com as Ciências da Comunicação, conforme conhecidas no Brasil, mas separados em áreas como a comunicação e a documentação. Mesmo assim, isso permite a troca

de métodos de pesquisa comuns entre Bibliotecários, Arquivistas e Jornalistas dentro dos programas de pós- graduação. (COUZINET, 2002, p. 27).

Entre as áreas que se relacionam com a Comunicação, a Biblioteconomia é a mais antiga, remontando a cerca de três mil anos com a Biblioteca de Ebla na Síria, de acordo com registros históricos. Foi justamente nela que ficou comprovada a criação e gestão dos primeiros, com a descoberta feita no ano de 1974. Tamanha importância antropológica tem o achado se considerarmos que a Biblioteca não se encontrava nas regiões da Suméria ou do Egito antiga, considerados o início da civilização humana organizada em cidades. Em sua coleção Ebla contava com obras em suportes de tábuas de barro com textos na escrita cuneiforme, que totalizavam cerca de 15000 documentos. No seu acervo, obras de literatura, administração, e científicos, o que leva alguns a consideram portanto o início da Biblioteconomia. (ORTEGA, 2002, p. 14)

A termo que compõe a área deriva das palavras gregas - *biblón* que significa livro, *théke*, que se refere a estojo, caixa ou depósito, e *nomos*, que quer dizer regra, assim a biblioteconomia pode ser considerada um conjunto de regras que guiam a gestão de livros, mas também de documentos nos mais variados suportes.

Foi da Biblioteconomia que veio a Bibliografia, que, mais tarde,, contribuiu com o surgimento da Ciência da Informação. Para Ortega a Biblioteconomia tem seu nascedouro na atividade de preservação do conhecimento registro e na formação desses depósitos primitivos que se tornaram as primeiras unidades de informação.

A sociedade da informação, como é chamada por alguns autores a sociedade contemporânea, vive um aumento diário no fluxo de informação, proporcionado pelos avanços das novas tecnologias. Essa explosão da informação fez a biblioteconomia e a arquivologia, ampliar seu espaço de atuação, e este mesmo fenômeno é um dos responsáveis por consolidar a CI como uma Ciência interdisciplinar. Segundo Barbosa et al (2000, p. 82):

[...] esse fenômeno levou a biblioteconomia a ampliar e aprofundar a observação e análise do seu objeto de estudo e pesquisa, por intermédio da assimilação de recursos de outros campos de conhecimento que lhe permitissem estudar e entender a produção e o registro de informações, seu armazenamento em diversos suportes, a organização para seu acesso, o processo de recuperação e as conseqüências sócio-culturais de seu uso.

Isso fez transcender o objeto de estudo da Biblioteconomia e posteriormente da CI, em não apenas se limitar ao livro ou documento, mas na informação e no conhecimento registrado no mesmo, embora infelizmente alguns profissionais de outras áreas, inclusive grande parte dos profissionais da comunicação, ainda pensem assim.

Através da aquisição, tratamento, representação e organização, o bibliotecário trabalha com a organização da informação, e não com organização de livros propriamente dito, sempre pensando no seu usuário final e nas formas de acesso à informação.

É interessante notar que todos esses contextos perfazem também o surgimento da arquivologia, por mais que a mesma não existisse de forma independente. A exemplo, conforme poderá ser lido no capítulo três, sobre os profissionais atuantes em ambiente de arquivo, os documentos de arquivo se caracterizam pela unicidade, e por surgirem a partir da gestão de uma organização. Embora os documentos das primeiras bibliotecas não fossem criados a partir da própria biblioteca, muitos deles tinham a característica da unicidade, devido a ausência das formas de impressão industrial.

Entretanto os primeiros passos da Arquivologia moderna começaram sua jornada por volta se deram por volta do século XVI. Foi neste século que a área da profissão arquivista passou a ter suas primeiras atuações “através de normas regulamentares, algumas até de caráter oficial”.

Na Europa durante o século XVIII, se passaram a se estabelecer e se multiplicar a inauguração de unidades de informação, entre elas os depósitos centrais dos arquivos de São Petersburgo em 1720, Varsóvia em 1765, Veneza em 1770 e Florença em 1778. (FONSECA, 2005).

Segundo Foucault (1990), os espaços dos depósitos de arquivo, tiveram importância central na evolução da arquivologia, principalmente pelo fato de se utilizarem de classificação das palavras, das línguas, das raízes, dos documentos e dos arquivos.

A conservação cada vez mais completa do escrito, a instauração de arquivos, sua classificação, a reorganização das bibliotecas, o estabelecimento de catálogos, de repertórios, de inventários representam, no fim da idade clássica, mais que uma sensibilidade nova ao tempo, ao seu passado, à espessura da história, uma forma de introduzir, na linguagem já depositada e nos vestígios por deixados, uma ordem que é do mesmo tipo da que se estabelece entre os seres vivos. (FOUCAULT 1990, p. 145-146):

Porém, é consenso afirmar que a arquivologia surgiu oficialmente através de três holandeses, S. Muller, J. A. Feith e R. Fruin publicaram, no ano de 1898, um manual escrito da área. Segundo Fonseca (2005), para Thomassen, Muller, Feith e Fruin foram os responsáveis por codificar a Arquivologia clássica como se conhece. Dessa maneira também, grande parte dos teóricos da área da CI considera que essa obra a foi um marco inicial para construir a Arquivologia como área autônoma em relação a Biblioteconomia.

A maioria dos autores da literatura historiográfica considera que o marco inicial da disciplina arquivística se constituiu como campo autônomo do conhecimento a partir da publicação do manual escrito em 1898, pelos arquivistas holandeses S. Muller, J. A. Feith e R. Fruin. Segundo Fonseca (2005), para Thomassen, a arquivologia clássica aparece quando é codificada pelo manual de Muller, Feith e Fruin. Do mesmo modo pensa Schelemberg, quando afirma que, do ponto de vista da contribuição universal para a arquivística, foi o manual escrito sobre administração de arquivos do trio de holandeses. Além desses autores, outros reforçam a ideia. (MACIEL; AFONSO, 2020, p. 13)

O manual holandês inovou, e trouxe consigo criou regras para representação descritiva de documentos arquivísticos, sendo publicada no Brasil pelo Arquivo Nacional. Fonseca (2005) considera que a obra tem um caráter pragmático e a considera uma obra clássica para arquivologia. Segundo Maciel e Afonso (2020, p. 13)

A obra, intitulada, originalmente, de *Handeigling voor het ordenen en beschrijven van archieven* (Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos), foi publicada sob auspícios da Associação de Arquivistas Holandeses, com a colaboração dos Arquivos de Estado de Reino da Holanda e, também, do Ministério do Interior. A obra se constitui de 100 regras ou princípios considerados fundamentais para o arranjo e descrição dos arquivos. Essa obra chegou ao Brasil em 1960, quando foi publicada e traduzida pelo Arquivo Nacional, que tinha, como diretor, o historiador José Honório Rodrigues.

A outra área que complementa a tríade que sustenta a presente pesquisa, é o jornalismo. Neste caso, a Ciência Comunicação e o Jornalismo são os clientes que necessitam do auxílio da CI, com a Biblioteconomia e da Arquivologia, para gerência eficiente dos documentos que produz no exercício da sua atividade. É importante salientar também que o Jornalismo também trabalha com a gestão da informação, entretanto de uma forma diferente, na decodificação das informações que apura, para o maior número possível de pessoas. Em uma analogia simples, podemos citar um dos escopos da atuação da CI, a comunicação científica, que produz informação que circula no meio acadêmico, porém é a Comunicação, a responsável por simplificar a informação, para que esta chegue ao público leigo e seja compreendida.

A área do Jornalismo tem a sua história ligada à história da imprensa, que nos remonta a criação de presença tipografia de Gutenberg no século XV. Para arquivistas e bibliotecários isso soa familiar, uma vez que essas disciplinas têm sua evolução ligada ao surgimento da imprensa e aos meios de impressão em série.

Neste primeiro momento, a comunicação científica e o jornalismo, eram praticamente uma coisa só, não havendo distinção entre texto científico e jornalístico. Os primeiros relatos

sobre a existência do que seriam os primeiros folhetos informativos, vem da China, através de documentos que eram escritos à mão e datam do século VII.

Na era da imprensa ou seja, após a criação da prensa tipográfica, o primeiros jornais como em formato impresso e periódico, surgiram no século XVII, por Nieuwe Tijdinghen, que publicou a primeiro jornal do mundo na Bélgica em 1605, publicado na cidade de Antuérpia.

No Brasil, a imprensa surge com a chegada da família real portuguesa, através da imprensa real.

No Brasil, a imprensa foi introduzida com a chegada de D. João VI com o funcionamento da Imprensa Régia, de onde saiu em 10 de setembro de 1808, o primeiro jornal editado no Brasil, a Gazeta do Rio de Janeiro. O jornal, depois de passar por várias direções e denominações, sempre com caráter oficial, tornou-se, em 1º de janeiro de 1892, o Diário Oficial, que se conhece até hoje. (JANUARIO, 2010, p. 160)

As Ciências da Comunicação ou como também é chamada, Comunicação Social, tem vários conceitos e definições a partir de autores e teóricos diferentes. Luiz Beltrão, na sua obra “Iniciação à filosofia do jornalismo”, define na página (1992, p.65) o jornalismo como sendo “a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”. Diante disso é fácil compreender que assim como bibliotecários e arquivistas, jornalistas também trabalham com a gestão de informação, e neste caso o autor classifica o jornalismo como a própria informação. Juarez Bahia (1999, p. 37).

A informação é a principal finalidade do jornalismo. Ela deve ser verdadeira e íntegra, descobrindo e comunicando, pela imprensa, pelo cinema, pelo rádio, pela televisão ou outros meios, os fatos que pela sua própria natureza convém sejam públicos e não meramente particulares. Sua autoridade emana, principalmente, do conjunto das instituições políticas e econômicas.

Uma diferença em relação às áreas da CI em relação ao jornalismo, se dá pelo fato do jornalismo trabalhar com informação noticiosa. Os jornalistas trabalham com informação de interesse público, informações relevantes para uma grande parcela e massa social. Para Galarça (2007) dentro do jornalismo, a informação tem um contexto público, já que tem importância para a coletividade da sociedade, ou parcelas dela. Segundo Beltão (1992, p.65), o jornalismo também se ocupa de informações de caráter público, e estas quando se referem a fatos atuais, também chamadas de factuais na atividade jornalística, passam a serem classificadas como notícias. Diante disso podemos dizer que toda notícia é informação, mas nem toda informação é notícia.

Pelo fato de nem toda informação ser notícia, nem toda informação é factual. Para contextualizar, a maior parte da informação é história, e o que já foi notícia ou descoberta científica, dentre outros. Assim a informação sempre estará relacionada a conceitos históricos e a gestão dos registros da informação, no caso, documentos. A Arquivologia e a Biblioteconomia, se além ao processo de guarda do conhecimento, e no acesso dos indivíduos a esse conhecimento, o Jornalismo a decifrar o conhecimento, ao maior número de pessoas possível. Bond (1962, p.19-20), destaca que “o jornalismo tem quatro razões fundamentais de ser: informar, interpretar, orientar, entreter. Sem esquecer das demais, o certo é que todas as considerações apontam para a função, primeira, a da natureza da informação”.

É importante salientar, que a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação, conseqüentemente a Arquivologia, a Biblioteconomia e o Jornalismo, se complementam com a troca de informações e conhecimentos adquiridos, e também através do aprimoramento na gestão da informação que uma Ciência é capaz de ajudar a outra. Sendo arquivistas e bibliotecários profissionais habilitados a tratar, organizar, recuperar, representar, e disseminar o acesso à informação, colaborando dentro do jornalismo na otimização de processos com a gestão documental da informação, fundamental diante do volume cada vez maior de informação produzida nos veículos de comunicação. Januário diz que, (2010, p. 161-162)

Nascimento e Sommer (2005, p.428) afirmam que muitas informações chegam aos jornalistas o tempo todo e eles necessitam absorvê-las rapidamente. Para isso, segundo as autoras, eles gastam muito tempo editando e selecionando informações pertinentes devido à sobrecarga de informação. É nesse momento que o bibliotecário através, dentre outros meios, do uso de linguagens documentárias (com vocabulários controlados) pode indexar adequadamente as informações – nos mais diversos suportes, sejam esses em CDs, VHS, livros, revistas, etc – facilitando a busca e recuperação das mesmas pelo jornalista.

Na exemplificação mais real e atual da importância da integração entre a CI e CC, a importância da união de ambas na promoção do combate à desinformação, a multiplicação de notícias falsas. e fato que a desinformação, é um problema presente na convivência humana, desde os primórdios, entretanto ela passa por um processo de industrialização e massificação a partir da era digital e do avanço das novas mídias. Bucci (2021) diz que a desinformação;

nos convida a pensar como algo construído. Nós convivemos como sempre, com a ignorância, a mentira, o fanatismo, mas[...]de poucas décadas pra cá, vinte anos, temos encarado uma questão relativamente nova que é a fabricação, de uma ordem que repele o conhecimento da verdade factual, que combate o conhecimento da verdade factual, que destrói as bases de um convívio baseado na razão, na sensatez, na sensibilidade e no conhecimento dos fatos.

Verdade factual como cita o autor é a negação de fatos teoricamente já comprovados pela ciência. Para Bucci (2021)tem haver com “verdade factual, se tem uma pandemia ou não[...]se é preciso usar máscara ou não, isso tem haver com a verdade factual. A verdade factual é aquela que nos entrega um relato credível, honesto dos fatos”.

Sobre o surgimento das fakes news, Bucci (2021) argumenta que as *fake news* são um fenômeno novo, apesar da desinformação, não.

Nós estamos lidando com algo fabricado, e em boa medida intencionalmente fabricado[...] eu escuto sempre as pessoas dizerem, fake news existiu sempre, mas isso não é verdade[...] fake news é uma falsificação de uma forma que só passou a existir a partir do século XIX, que são a *news*, as notícias, que são os relatos factuais produzidos e disseminados pelo jornalismo e as fake news só aparecem a partir das mídias sociais.

Corroborando com as ideias de Bucci, Baxter e Marcella (2019, p. 1100) as *fake news* são “definidas como informações falsas, geralmente sensacionalistas, disseminadas sob o pretexto de reportagem”. Portanto as chamadas *fake news* são desinformação travestida de texto jornalístico.

A negação da verdade factual, trás para discussão a área da comunicação científica, uma vez que é a ciência que é negada pela desinformação. Esse fenômeno chama para o debate também a Ciência da Informação, que estuda a própria comunicação científica, e tem lutado para combater a chamada *fake science*, ou falsa ciência, fenômeno também relacionado às *fake news*, e conseqüente à Ciência da Comunicação.

Diante do avanço da desinformação, os arquivos devem ter modelos precisos de representação da informação, a fim também de desmentir possível desinformação. É comum vermos cortes de matérias telejornalísticas e entrevistas serem retiradas de contextos para fins de desinformação, os arquivos devem estar preparados para responder a altura.

3 ARQUIVOS DE TELEVISÃO

A mídia televisiva teve sua estreia no Brasil no ano de 1950, na cidade de São Paulo, onde foi inaugurada a TV Tupi, a primeira emissora do país. O veículo entrou no ar no dia 18 de setembro daquele ano, quando o país contava com cerca de 500 aparelhos de televisão. Nesse primeiro momento, a programação era feita exclusivamente ao vivo devido à inexistência de material para gravação das imagens.

A ideia de trazer essa mídia ao Brasil partiu do empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados na capital paulista. Sendo o Brasil o primeiro país latino-americano a sediar uma emissora de televisão, e o sexto do mundo, após Reino Unido, Estados Unidos, França, Alemanha e Holanda.

Segundo Mattos (2002, p. 81), os primeiros anos da televisão “[...] foram marcados pela falta de recursos e de pessoal, e pelas improvisações”. Dessa forma, ainda segundo Mattos (2002) até mesmo os primeiros profissionais que atuaram nas TVs, foram remanejados da mídia de rádio para a mídia de televisão. Da programação aos profissionais, o rádio teve papel fundamental na implantação da televisão no país, já que o Brasil não possuía mão de obra especializada para essa atividade. Isso se refletiu também nos arquivos televisivos, que foram negligenciados no primeiro momento, já que como referido a programação era experimental, e totalmente feita ao vivo diante da ausência das fitas e da tecnologia para gravação.

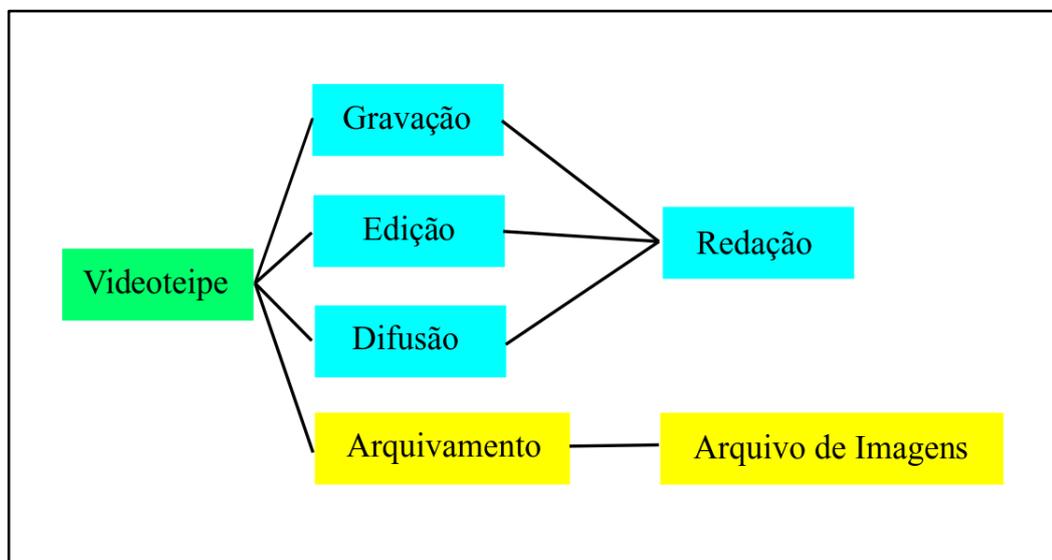
Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de ideais e de venda de produtos e serviços que é hoje. (JAMBEIRO, 2002, p. 53)

Assim, conforme Souza (2021) a primeira década da televisão no Brasil (1950-1960) foi feita sem que se tivesse a preservação dos documentos gerados pela sua atividade. O alto custo das fitas magnéticas para gravação, e a falta de uma consciência da salvaguarda, explicam a ausência do processo de arquivamento nas primeiras emissoras de televisão do país.

Vindo ao Brasil de um começo bem experimental, a televisão se transformou em uma mídia de massa, e a partir da década de 1960, a atividade televisiva passa a deixar registros gravados em vídeo, com a chegada das fitas de videoteipe, que vieram ao país em 1959 pela extinta TV Tupi. E é o registro dessas imagens que iremos nos atentar na presente pesquisa.

Com a chegada do videoteipe, foi possível realizar gravação, edição, corte, e o armazenamento da produção televisiva, uma vez que esse era uma mídia que permitia a gravação e a captura de imagens. O videoteipe também conhecido por VT, pode portanto ser considerado o primeiro suporte de informação dos arquivos de televisão. Através dele podemos iniciar um apanhado histórico e uma linha do tempo da evolução tecnológica e o aprimoramento da gestão documental nos arquivos de TV do país. Abaixo temos uma representação das mudanças propiciadas com a criação da tecnologia do videoteipe como suporte de registro de imagens para mídia de televisão, como fogo do trabalho são os arquivos de telejornalismo, foi destacado as possibilidades de trato da informação feito pela redação jornalística e pelo arquivo de imagens telejornalística, excluindo obras de entretenimento e teledramaturgia.

Ilustração 1 – Mudanças proporcionadas pelas fitas de videopeipe



Fonte: autoria própria (2022).

Essas foram as principais inovações proporcionadas com a chegada do VT, entre elas, o início da possibilidade do processo de arquivamento, que, até então, não havia acontecido, devido à ausência de registro em suporte. Entretanto, como já mencionado no início desse tema, a ausência de uma consciência de preservação e guarda das imagens, o alto custo das fitas de VT, fez com que os arquivos organizados e geridos por profissionais capacitados, não tivesse a mesma data de criação em relação a chegada das fitas no país. Na década de 1970, posterior a chegada do videoteipe, que se cria uma consciência em relação às imagens de arquivo, como diz Souza (2021),

[...] é nessa década que se averigua a presença da tecnologia que viabiliza a criação das "imagens de arquivo", bem como uma compreensão da importância desses registros para uso posterior. (SOUZA 2021, p. 116)

Porém, somente na década de 1980 é que se dá o efetivo início do estabelecimento das primeiras unidades de informação na forma de arquivo de imagens dentro das emissoras de televisão.

Nesse período tem-se a criação dos Centros de Arquivo e Documentação das emissoras de TV. A necessidade da criação desses centros deve-se ao fato do aumento exponencial da produção de imagens televisivas. E, com isso, o desenvolvimento de um ambiente mais profissional para a organização e preservação das imagens de televisão (SOUSA, 2021, p. 116).

Na década seguinte - 1990 -, iniciou-se o processo de digitalização dos acervos e de diversificação dos suportes de registros. Que possibilitou uma maior preservação dessas imagens.

As emissoras brasileiras de televisão voltam a sua atenção para a digitalização do conteúdo audiovisual armazenado em fitas magnéticas. A observação acerca desse procedimento demonstra a preocupação que as empresas televisivas tiveram com o material produzidos ao longo do tempo, além do diálogo com as novas ferramentas digitais não somente no aspecto da produção. Mas, também com a preservação dessas imagens que podem ser usadas e acessadas, especialmente para o usuário interno, como fonte de pesquisa histórica, composição narrativa e elaboração de produtos midiáticos audiovisuais. (SOUSA, 2021, p. 116)

Nas décadas dos anos 2000 e 2010, vem a se caracterizar, pela utilização da internet como uma das possibilidades de guarda das imagens, e da utilização de serviços de streaming por algumas emissoras de televisão.

De acordo com Rousseau (1998), os arquivos são instituições privadas ou públicas, mas que têm como missão a classificação, descrição, comunicação e conservação de documentos que foram gerados em decorrência de atividades funcionais dessas instituições. Contudo esses conceitos podem se expandir de tal ponto que em alguns casos, arquivos, bibliotecas e museus acabam tendo conceitos tão próximos que vem a acender de forma mais evidente o debate de onde ficam as fronteiras de cada uma dessas unidades de informação.

Derivando do grego *arkheiôn*, que significa "casa" ou "residência", o arquivo pode ser entendido como uma instituição, como um conjunto de documentos, e um também como um sistema de informação (Lodolini 1993). Entretanto, é preciso ter cuidado, para não misturar ou

confundir os conceitos de arquivo ou Unidade de Informação³, com o conceito de arquivo como peça do acervo, ou documento.

Uma das características dos documentos, dentro da arquivologia, é a unicidade, organicidade, indivisibilidade, integridade, autenticidade e heterogeneidade de seu conteúdo (BELLOTTO, 2002; MARTÍN-POZUELO CAMPILLOS, 1996). Dentro destes, o ponto que mais chama a atenção, é justamente a unicidade dos documentos, fato que não é muito comum dentro de uma biblioteca onde os documentos são os livros.

Schellenberg fala do conceito de documento de forma abrangida e insere dentro dele vários formatos:

Todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em virtude do valor informativo dos dados neles contidos (SCHELLENBERG, 2006, p. 41).

O autor faz um paralelo entre os tipos documentais cuidados dentro de uma biblioteca e dentro de um arquivo. Para Paes (2006, p.18) essa distinção se dá pelo fato da Biblioteconomia tratar de documentos individuais e a Arquivologia de um conjunto de documentos. Individuais por livros não obrigatoriamente são criados em coleções, já documentos de um arquivo são peças de um grande acervo de uma organização. Para eles isso delimita a fronteira entre as áreas, que tratam de questões documentais de forma peculiar.

O mesmo ocorre em emissoras de televisão. Arquivos de imagem permitem que os veículos de televisão relembrem fatos e possam contar novamente acontecimentos históricos que marcaram a vida da sociedade. Um arquivo estruturado garante à emissora multiplicar as opções de imagens para edição de conteúdo jornalístico, para compor suas matérias, além de preservar a própria memória organizacional.

Em se tratando de jornalismo e de matérias televisivas, que são compostas por documentos audiovisuais, uma UI⁴ bem estruturada possibilita que uma gravação de vídeo seja reutilizada sempre que o mesmo assunto precisar ser noticiado. Desse modo, o acesso ao catálogo do arquivo tem de ser garantido por mecanismos seguros de recuperação de informação.

³ Unidade de Informação: Nomenclatura utilizada dentro da Ciência da Informação e da Documentação, para se referir às organizações que trabalham com a guarda de documentos. Que são arquivos, bibliotecas e museus.

⁴ Sigla para unidade de Informação

Assim, é possível constatar a importância dos centros de documentação em empresas de comunicação, mais precisamente conforme relata esta pesquisa, em empresas de televisão. Nesse caso, o arquivo pode estar relacionado à guarda de documentos de telejornalismo, ou seja, reportagens, boletins, e outros, ou guarda de documentos de teledramaturgia, como capítulos de séries ou novelas. O arquivamento desses materiais significa realizar a guarda de documentos de cunho cultural ou mesmo histórico dos acontecimentos factuais da história brasileira e humana.

O processo de arquivamento nas emissoras de televisão foi sendo transformado à medida que os suportes foram também modificados e atualizados a fim de se obter uma melhor qualidade e conservação do documento. Das primeiras fitas de VT, na atualidade os arquivos podem ser armazenados em computadores ou mesmo em blu-ray, passando assim da guarda de documentos analógicos para digitais. Sobre o arquivamento, Colombo (1991) diz que:

O arquivamento eletrônico é [...], antes de tudo, arquivamento do tempo, ou seja, armazenamento do fluir, independentemente dos seus conteúdos. Como toda representação do tempo, o armazém eletrônico, na condição de arquivo, é naturalmente passível de extravio ou de repetição, porque cada signo (cada imagem ou informação) representa, antes de tudo, não um evento, mas o átimo no qual este se deu, e, portanto, torna os eventos discerníveis um dos outros somente por sua específica colocação no eixo do devir (COLOMBO, 1991, p. 62).

A gestão da informação de um arquivo é algo fundamental para garantir acesso pleno aos recursos informacionais disponíveis. No meio jornalístico é comum reutilizar filmagens em matérias diferentes. Contudo, uma gravação de vídeo sem uma indexação adequada compromete essa recuperação.

Para usar um exemplo, partimos de uma mesma filmagem: pessoas caminhando em uma rua do centro da cidade de Fortaleza, sem registro do nome do logradouro. Com essa imagem na mente, vamos imaginar duas matérias: uma sobre casos de contaminação por COVID-19 na capital cearense, e outra sobre a rotina agitada das pessoas na contemporaneidade.

Em ambas as matérias seria possível utilizar a mesma gravação de vídeo. Ocorre que, sem uma indexação adequada, o jornalista que precisasse acessar o mesmo documento para compor a segunda matéria, talvez não o encontrasse, uma vez que a rua sequer fora mencionada nos termos-chave vinculados à filmagem.

Suponhamos que, ao indexar a informação em um sistema automatizado, o arquivista ou bibliotecário responsável, tenha indexado os termos pelas expressões “gente andando na rua” e “centro de Fortaleza”, mas sem informar exatamente qual foi a rua de onde foram

extraídas as imagens. Nesse ambiente em específico, a imprecisão dos pontos de acesso do catálogo pode ocorrer pela falta de integração entre a equipe de jornalistas e a equipe de arquivistas e bibliotecários.

Identificando a falta de integração entre os profissionais do arquivo e da redação, pode tornar as imagens genéricas, nos próximo tema deste capítulo iremos expor a importância da integração dos profissionais do arquivo com os jornalistas, e no quinto capítulo propor um modelo de tabela a ser preenchida pela redação, para cada documento jornalístico, onde os bibliotecários e arquivistas possam ter todas as informações necessárias para indexação completa e precisa dos mesmos para realizar uma representação temática mais rica possível.

3.1 Arquivos das principais emissoras

Posterior aos eventos citados, as emissoras de televisão começaram uma a uma, a abrirem e manterem seus arquivos. Hoje em praticamente todas as grandes e médias emissoras de televisão possuem arquivos de imagens, sendo o maior destes arquivos, os pertencentes às grandes redes que precisam produzir e veicular conteúdo 24 horas por dia, uma vez que não transmite sinal, mas o distribuem para todo o país. Todas as maiores redes do país estão sediadas na região sudeste.

É importante destacar os arquivos das principais redes de televisão do país. Record, Bandeirantes, Cultura, Gazeta, Globo, Rede TV e SBT ficam localizadas no eixo Rio-São Paulo, contando com os maiores e mais bem estruturados acervos televisivos do Brasil. Vamos destacar a seguir algumas das características desses arquivos de imagens.

3.1.1 TV Record

A mais antiga ainda em atividade é TV Record, também tem um dos arquivos mais antigos do Brasil, parte dele já está digitalizado, outra parte, porém ainda continua em suporte analógicos. Segundo o portal Uol (2020),

Parte do acervo recente da TV já está todo digitalizado e fica numa sala de 88 m². São mais de 4.000.000 de GB disponível para armazenamento, o que dá para armazenar mais de 150 mil horas de conteúdo em formato digital. A Record também mantém parte de seu arquivo em formato analógico (UOL, 2020).

A emissora já foi vítima de alguns incêndios durante suas primeiras décadas de existência, perdendo parte do seu acervo, sendo que o maior ocorreu no ano de 1969, onde foi perdido também parte dos documentos.

Fotografia 1 - Acervo da Rede Record



Fonte: Reprodução Youtube (2021)

Apesar disso, a Record possui parte considerável da memória cultural e política da história do Brasil, merecendo destaque seus festivais de música popular, promovidos nos anos 1960 e 1970.

Fotografia 2 - Cantor Chico Buarque cantando no festival Record



Fonte: Reprodução Youtube (1967)

3.1.2 TV Bandeirantes

O arquivo da Bandeirantes foi criado em 1967 e coincide com a fundação da própria emissora. A unidade de informação conta com cerca de 20 profissionais, e tem um espaço de cerca de 600 m².

Assim como o acervo da Record, o da Bandeirantes, também conta com parte do acervo digital ou digitalizado, e parte dele analógico. E segundo o portal UOL, (2020) “[...] há um estudo para digitalizar parte do conteúdo físico - que já está decupado e catalogado”.

Fotografia 3 - Imagem do arquivo da Rede Bandeirantes em gravação de uma matéria sobre os 54 anos da emissora



Fonte: Reprodução Youtube (2021)

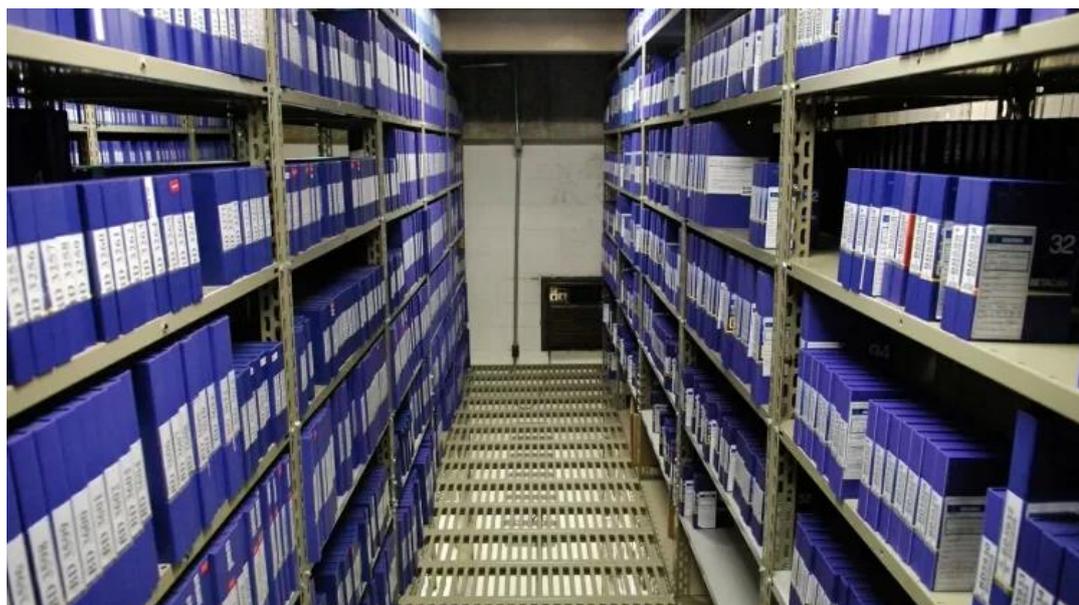
A TV Bandeirantes sofreu um grande incêndio em 1969, mesmo ano que a Record, perdendo parte do acervo do arquivo. A emissora também guarda importantes documentos audiovisuais da história televisiva brasileira, como o programa "Cara a Cara", com Marília Gabriela, e "Série Documento", com Pink Wainer (UOL, 2020).

3.1.3 TV Cultura

Sendo criada pelos Diários Associados no ano de 1960, a emissora foi refundada em 1969 pela Fundação Padre Anchieta, pertencente ao governo do estado de São Paulo, a TV Cultura criou seu CEDOC apenas em 1986. Seu arquivo conta com o apoio de 30 colaboradores, que estão divididos em “seis áreas: filmoteca, discoteca, fotografia, setor de pesquisa de texto, biblioteca e centro de memória audiovisual” (UOL, 2020).

Além disso, a emissora também tem a guarda de outros documentos, até mesmo de terceiros, são edições de jornais e matérias de outros veículos e fontes que eventualmente podem servir como fonte de informação para seus jornalistas. Mas também há álbuns de música, e outros documentos.

Fotografia 4 - Arquivo da TV Cultura



Fonte: TV Cultura

Além das mídias com materiais jornalísticos ou obras de entretenimento, a Cultura guarda:

[...] centenas de milhares de livros, CDs, negativos, além de objetos cenográficos de programas que marcaram época, como “Castelo Rá-Tim-Bum”. Tudo disposto na sede da Fundação Padre Anchieta, em São Paulo (UOL, 2020).

Fotografia 5 - Bonecos utilizados em programas infantis da TV Cultura



Fonte: TV Cultura

Em 1986, a emissora também sofreu um incêndio, ocasionado por um curto-circuito que destruiu parte do seu acervo.

A TV Cultura tem verdadeiras pérolas da história nacional, como a última entrevista de Clarice Lispector em fevereiro de 1977, que a, pedido da escritora, só foi veiculada após sua morte, e as icônicas edições do programa de entrevistas “Roda Viva”.

3.1.4 TV Gazeta

A Gazeta é uma rede sediada na cidade de São Paulo, e que não está presente em outras partes do país. A TV foi fundada em 1970 e inaugurou seu arquivo em 1983, sediando-o no edifício da Fundação Cásper Líbero, e segundo o portal Uol (2020) conta com uma equipe de cinco colaboradores.

Assim com outras redes, a Gazeta está digitalizando seu acervo, que ainda possui parte dele em fitas analógicas. Entretanto, segundo a emissora, desde 2011, parte dos documentos foram digitalizados, menos documentos muito antigos, que ainda aguardam o processo.

Fotografia 6 - Arquivo da TV Gazeta



Fonte: TV Gazeta

A Rede Gazeta, ao contrário de outras emissoras, não passou por nenhum sinistro que comprometesse seu acervo.

A TV Gazeta se destaca pela transmissão de eventos esportivos, principalmente por jogos do Campeonato Paulista (UOL, 2020).

3.1.5 TV Globo

O CEDOC⁵ foi criado em 1976 no Rio de Janeiro, logo após um incêndio que ocorreu no mesmo ano, e dois anos após o incêndio de 1974. Durante o sinistro as equipes da TV Globo tentavam salvar os documentos televisivos no depósito onde ficavam as mídias, entretanto parte delas se perdeu.

Após os ocorridos a direção da emissora percebeu que precisava montar um departamento onde não apenas se guardasse as mídias, mas um departamento onde seria possível a reutilização das imagens. Conforme Ana Pinho (2013), então diretora do CEDOC da Globo São Paulo, a idealizadora do primeiro arquivo da Globo, foi uma museóloga.

Atualmente a Globo conta com CEDOCs em cinco cidades: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Recife e São Paulo. Segundo Uol (2020) “a Globo mantém seus arquivos em mídias analógicas e digital”. Os arquivos digitais mais recentes têm 25.000.000 GB armazenados e 600 mil mídias físicas. Seu acervo conta com muitos tesouros da história nacional e mundial, como a queda do muro de Berlim, a desintegração da União Soviética, e as finais de Copa do Mundo disputadas pela seleção brasileira.

3.1.6 Rede TV

A mais nova das grandes redes de televisão, a Rede TV, foi fundada em 1999 e seu arquivo também foi elaborado no mesmo ano. Segundo o portal Uol (2020) ele contava com oito colaboradores.

Por ser recente, a emissora começou seu processo de digitalização do acervo ainda em 2003, e o dividiu em dois ambientes, um recente onde os documentos têm no máximo dois anos, e são de fácil acesso, e outro para os arquivos com mais de dois anos. Segundo Uol (2020) “[...] uma das principais preciosidades foi o último programa da Hebe na TV, em 2012”.

⁵ Sigla para “centro de documentação”.

3.1.7 Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) foi fundado em 1981 e seu acervo foi criado em 1996. O arquivo do SBT fica localizado na sede da emissora em Osasco (SP), tendo 1500m², empregando 21 colaboradores.

O SBT também conta com acervo analógico e digital. Segundo o Uol (2020), a empresa conta com “mais de 300 mil mídias físicas, e o processo de transição está "em curso" para que ‘o mais breve possível, todo o acervo seja digitalizado”.

Fotografia 7 - Arquivo do SBT



Fonte: Gabriel Cardoso/SBT

Diferente de outras emissoras que enfrentaram incêndios, o principal sinistro que aconteceu no arquivo do SBT foi uma enchente que ocorreu no mesmo ano de criação. Dentre as perdas, está o primeiro capítulo da série humorística "A Praça É Nossa", que teve a participação do proprietário da emissora, Silvio Santos, e do primeiro debate presidencial da história da televisão brasileira, em 1989.

3.2 Profissionais do arquivo

Para gerir a informação dentro de um arquivo são os arquivistas e bibliotecários são os profissionais capacitados, pois são os que aprendem o manuseio de documentos com as

características que tem os arquivos jornalísticos. Para o exercício de sua atividade profissional, esses contam com legislações específicas que regulam sua atuação. No caso de bibliotecários, estes ainda contam com conselhos federais e regionais que fazem a fiscalização da atividade.

Dito isso, é necessário lembrar que uma unidade de informação com acervo telejornalístico, terá sua uma atuação eficaz e eficiente, de acordo com o nível de integração entre as equipes do arquivo e da redação. Isso porque o profissional do arquivo precisa de informações completas e precisas para representação da informação, para um posterior atendimento.

Vamos detalhar, a seguir, quais os profissionais atuantes na equipe da redação e do jornalismo, e quais atividades cada um exerce. A Redação é quem primeiro colhe a informação e quem produz as imagens que serão difundidas. A Redação comporta o cinegrafista, o editor de vídeos, os câmeras nos estúdios e os jornalistas.

Os maiores responsáveis pelo contato direto entre a redação e o arquivo são os jornalistas, solicitando imagens para edição de novas matérias jornalísticas. Nem todas as imagens são de arquivo, porém as imagens de arquivo propiciam economia e maior agilidade à empresa de comunicação. Economia, pelo fato da equipe não precisar deslocar um cinegrafista e um repórter para produzir novas imagens, agilidade pelo fato das imagens necessárias já existirem no acervo da emissora.

Tabela 1 - (centros de informação em veículos de comunicação)

Ambiente de Trabalho	Profissional	Tarefa
Redação	Jornalista	Fazem a apuração das informações, escrevem os textos, dentre outras atividades.
Arquivo de Imagem	Arquivista e Bibliotecário	Fazem pesquisa e seleção de imagens para edição, representação descritiva e temática da informação das matérias jornalísticas.

Fonte: A autoria própria (2022)

Os arquivos de empresas de comunicação devem ser entendidos como organizações que trabalham através da parceria entre profissionais de informação. Sobre o profissional da

informação Almeida (2000) diz que “[...] na verdade, essa é uma designação não específica do bibliotecário, mas que abrange um grupo de profissionais que atuam tendo como base a informação”, transcendendo, portanto, as fronteiras da CI.

O arquivista, o bibliotecário e o museólogo são denominados, profissionais da informação, embora em certa medida outras profissões trabalhem manipulando e gerindo informação, como é também o caso de jornalistas e publicitários. Segundo a Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), do Ministério do Trabalho, dia que esses profissionais têm, como atividades:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades, como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação; tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas; e podem prestar serviços de assessoria e consultoria (BRASIL, 2010).

Cavalcanti (2008) informa que o profissional da informação:

1. Coleta, processa e difunde informação.
2. [É] Mediador da informação, tendo habilidades e conhecimentos para lidar com ela, gerando valor agregado para atingir os objetivos de uma organização; agente intermediário, profissional do conhecimento. Arquivista, bibliotecário, documentalista, cientista da informação, p. do conhecimento. Profissional da informação (CUNHA; CALVACANTI, 2008, p. 295).

A formação dos profissionais para atuarem no ambiente do arquivo de TV se dá na graduação, onde o aluno aprende a teoria e no estágio, onde exerce a prática e se prepara melhor para o ingresso no mercado de trabalho. Conforme já dito, os profissionais capacitados para atuação em ambiente de arquivo, são o arquivista e o bibliotecário, é preciso entender a formação destes, para consequentemente entender a capacitação dos mesmos para atuação em arquivo.

Segundo Silva (2018, p. 62) o Brasil foi um dos pioneiros na implantação do curso de Biblioteconomia. Sendo a sede do primeiro curso, e o primeiro da América do Sul. O marco inicial foi através do Decreto nº 8.835 de 11 de julho de 1911, que marca também o início de várias escolas que se estabeleceram no Brasil. A regulamentação da atividade do bibliotecário só viria no ano de 1962, através da Lei nº 4.084.

Sendo a lei aprovada pelo ativismo e esforço de um grupo de bibliotecárias, sendo a bibliotecária paulista Laura Garcia Moreno Russo, uma das profissionais mais atuantes nessa

luta. A lei determina a legalidade do exercício da profissão de bibliotecário, apenas aos “Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior”.

No art. 6º, a Lei nº 4.084/62 determina as atribuições do bibliotecário:

Art. 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino de Biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação.
- c) administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação.
- e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (BRASIL, 1962, s.p.).

Desde o ano que foi sancionada, a lei sofreu alterações, onde incorporou alguns complementos, diante das novas necessidades que surgiram, principalmente por causa da regulamentação do técnico da área, e suas obrigatoriedades do registro nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia para o exercício da profissão. A regulamentação, foi um passo decisivo para a valorização da categoria.

Assim como na Biblioteconomia, para a obtenção da competência da atividade da Arquivologia, é necessário possuir o curso de graduação em Arquivologia, ou “experiência reconhecida pelo Estado” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 26). Neste caso, a não obrigatoriedade do diploma de arquivista para o exercício da profissão, se dá pela escassez de cursos superiores em arquivologia, no Brasil. De acordo com a CBO⁶ (BRASIL, 2010, s.p.), o arquivista é o:

Administrador de arquivos, Encarregado de serviço de arquivo médico e estatística, Especialista em documentação arquivística, Especialista em organização de arquivos, Gestor de documentos. Organiza documentação de arquivos institucionais e pessoais [...]. Dá acesso à informação, conserva acervos. Prepara ações educativas ou culturais, planeja e realiza atividades técnico-administrativas, orienta a implantação das atividades técnicas. Participa da política de criação e implantação de [...] instituições arquivísticas.

Para Terry Cook (1998) os arquivistas evoluíram de guardiões imparciais de pequenas coleções de documentos ainda na Idade Média para interventores que instituem regras padronizadas para o arquivamento.

⁶ Classificação Brasileira de Ocupações.

Diz que os arquivistas evoluíram de uma suposta posição de guardiões imparciais de pequenas coleções de documentos herdados da Idade Média, para se tornar agentes intervenientes que estabelecem os padrões de arquivamento e deliberam a pequena fração do universo de informações registradas que será selecionada para a preservação arquivística (COOK, 1998, p. 139).

O exercício da profissão e do profissional de arquivo, foi regulamentado no país pela Lei Federal nº 6.546, de 4 de julho de 1978, e pelo Decreto nº 82.590, de 1978. Ambas as resoluções consideram o arquivista como profissional que possua o nível superior. O primeiro artigo da lei faz referência sobre o exercício a permissão legal ao exercício da profissão:

- I- aos diplomados no Brasil por curso superior de Arquivologia, reconhecido na forma da lei;
- II- aos diplomados no exterior por cursos superiores de Arquivologia, cujos diplomas sejam revalidados no Brasil na forma da lei;
- III - aos Técnicos de Arquivo portadores de certificados de conclusão de ensino de 2º grau;
- IV - aos que, embora não habilitados nos termos dos itens anteriores, contêm, pelo menos, cinco anos ininterruptos de atividade ou dez intercalados, na data de início da vigência desta Lei, nos campos profissionais da Arquivologia ou da Técnica de Arquivo; TÓPICO 2 — O PROFISSIONAL ARQUIVISTA 147
- V - aos portadores de certificado de conclusão de curso de 2º grau que recebam treinamento específico em técnicas de arquivo em curso ministrado por entidades credenciadas pelo Conselho Federal de mão de obra, do Ministério do Trabalho, com carga horária mínima de 1.110 h. nas disciplinas específicas (BRASIL, 1978a).

Infelizmente, a categoria dos arquivistas, diferentemente de bibliotecários e museólogos, ainda não conta com conselhos federais ou regionais para regulamentação e fiscalização do exercício da profissão. Apesar disso, a categoria tem algumas tentativas como o Projeto de Lei (PL) nº 5.613/2001.

A Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) tem sua criação em 20 de outubro de 1971 através da mobilização e união de profissionais de várias áreas, mas que atuavam com gestão de documentos arquivísticos. A união foi necessária para criação da organização e conseqüentemente dá mais voz política para a categoria (CRIVELLI; BIZELLO, 2012). A AAB foi designada como uma

[...] entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter técnico, científico, cultural, profissional e de pesquisa com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos profissionais de arquivo e da Arquivologia, cooperar com entidades públicas e privadas, nacionais e internacionais, em tudo o que se relacionasse a arquivos e à Arquivologia, e promover a difusão do trabalho e do conhecimento arquivístico (ARQUIVO NACIONAL, 2018).

Sendo seu objetivo o desenvolvimento de uma atuação nacional que tinha como finalidade o desenvolvimento e o debate de questões trabalhistas para a categoria e as condições de trabalho nos arquivos. O primeiro líder e presidente do órgão foi o professor José Pedro Pinto Esposel (CRIVELLI; BIZELLO, 2012). Após sua criação, a AAB desenvolveu inúmeros debates, palestras, mesas-redondas, seminários e outros eventos que visavam elevar o status da área de atuação e da categoria. No ano de 1972, ocorreu o primeiro I Congresso Brasileiro de Arquivologia, organizado pela AAB e que teve a participação de cerca de 1.300 profissionais da área da arquivologia (CASTRO, 2008 *apud* CRIVELLI; BIZELLO, 2012).

Nos anos 1970, a associação passou a cobrar e a atuar para criação de cursos e para formação dos profissionais. Então no ano de 1973 a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO), aglutinou sob sua responsabilidade o Curso Permanente de Arquivos do Arquivo Nacional, que recebeu o status de graduação.

Entretanto o curso de Arquivologia, ainda é pouco conhecido, existindo poucas instituições de ensino superior ofertando, e em muitos estados brasileiros, a oferta chega apenas na modalidade EAD por algumas Universidades privadas. Várias instituições públicas também não oferecem o mesmo.

Diante da falta de arquivistas ocasionada pela falta da oferta de cursos, a legislação concede o direito ao título de arquivista, o profissional que tem experiência comprovada de seis meses no ambiente de arquivo. Levando em conta a interdisciplinaridade entre as áreas que compõem a documentação e a Ciência da Informação, o bibliotecário é o profissional melhor preparado para ocupar o espaço resultante da falta de profissionais arquivistas.

Para o exercício das atividades dentro de uma unidade de informação como um arquivo, é preciso que os arquivistas e bibliotecários conheçam bem a instituição onde atuam, onde a criação de laços de memória é fundamental para eficiência e eficácia dentro do setor.

Para Cunha (2003, p. 44) o papel do profissional da informação é “fornecer a informação certa, no momento certo para a pessoa certa”. Para ele, a necessidade informacional é diferente para cada usuário, devido às constantes mudanças nessas necessidades.

O ponto que une a atividade de arquivistas e bibliotecários é a gestão dos documentos e da informação contidas neles, mas há diferenças. Os documentos que compõem o acervo de um arquivo, é criado pela própria instituição no decorrer de suas atividades, onde a unicidade é uma das principais características. Já a Biblioteconomia, tem seu foco nas coleções de livros. Entretanto é importante destacar que ambos os profissionais adquirem características que permitem fazer a gestão de documentos de forma mais eficiente e eficaz, tendo capacitação para executar a representação descritiva e temática dos documentos.

Bibliotecários e arquivistas são investigadores documentais, através de técnicas e métodos adquiridos na formação acadêmica e aprimoradas na prática profissional, onde também possuem a capacidade de contar e recontar a história de instituições e da coletividade, através da prática da guarda de documentos e preservação do patrimônio. Bellotto diz que “arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus têm corresponsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social”, e do testemunho histórico e jurídico (BELLOTTO, 2006, p. 35).

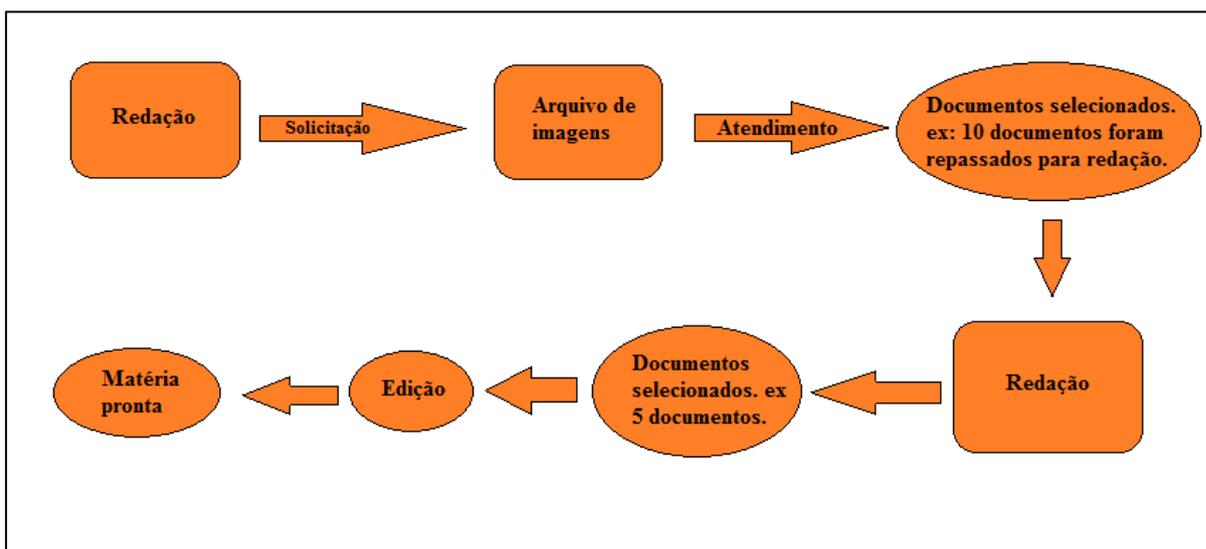
Ainda segundo Bellotto (2006, p. 35), a arquivologia e a biblioteconomia têm um “elemento comum e primeiro: o documento”. Apesar disso, a autora mostra que existem diferenças entre as duas formas documentais. Bellotto (2006) diz não é o suporte do documento, mas sua finalidade que determina a qual unidade de informação ele deve pertencer, ou a “forma/função pela qual o documento é criado [...] a razão de sua origem e de seu emprego” (BELLOTTO, 2006, p. 36).

Então é a forma/função que define o uso e o destino de armazenamento. Marques classifica a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Museologia, a Documentação e a Ciência de informação como disciplinas ou subcampos que abrigam o campo de estudo da informação e que “têm por objeto a gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação” (2013, p. 38).

Importante ressaltar, o poder de bibliotecários e arquivistas dentro do processo de telejornalismo em alguns arquivos de televisão onde os jornalistas não têm acesso direto ao acervo. É certo que ao solicitar imagens do arquivo, os produtores, repórteres e editores, irão fazer uma seleção das imagens fornecidas pelo arquivo, entretanto o primeiro profissional nesse processo decisório de edição, foi o arquivista ou bibliotecário, que por critérios próprios decidiu quais imagens deveriam ser utilizadas na pauta, ou seja na matéria telejornalística. Esses critérios, incluem a ética, e técnicas informacionais advindas com esses profissionais dos seus cursos de graduação, e aprimoradas dentro do ambiente de trabalho. Portanto, dentro das empresas de comunicação, redação e arquivo, são igualmente importantes.

Conforme a figura abaixo, é possível explicitar o caminho das imagens até a edição, é o poder dos profissionais do arquivo, sobre o que é veiculado na televisão.

Caminho das imagens de arquivo até a matéria ficar pronta.



Fonte: autoria própria (2022).

Sempre ao explicarmos a atuação do bibliotecário, é comum exemplificá-lo, como um agente gestor da informação, o que o aproxima mais uma vez dos conceitos da arquivologia, sobrepondo a atividade ao conceito da biblioteca, e dos livros, ampliando a atuação de ambos os profissionais. Portanto podemos considerar que arquivistas e bibliotecários trabalham com informação registrada em suporte. Buckland (1991) chama de informação-como-coisa, denominado também como documento.

Para o fechamento desta seção, é bom salientar mais uma vez que mesmo que os bibliotecários não trabalhem necessariamente com documentos únicos, eles são profissionais que saem da graduação preparados para gestão de vários tipos documentais, entre eles os arquivos, infelizmente diante da falta de profissionais.

3.3 Arquivo de telejornalismo

Logo na abertura deste capítulo, foi explicado que os arquivos de TV podem se dividir em teledramaturgia e telejornalismo. É bem verdade que é possível que algumas emissoras conservem ambos os tipos de documentos na mesma unidade de informação, ou seja no mesmo arquivo. No Brasil a maioria dos arquivos de televisão são de telejornalismo, uma vez que a maioria das emissoras produzem apenas jornalismo, retransmitindo a programação de entretenimento de uma rede ou emissora maior, no sistema de conhecemos de redes e afiliadas que existe no país.

Dentro dos arquivos de emissoras de televisão, os documentos são arquivos de imagens em movimento. É bom evidenciar isso, pelo fato de que nem todos os documentos do seu acervo, são imagens editados. Alguns inclusive trabalham com imagens compiladas na forma de bruta em arquivos maiores, que também são utilizados para edição das matérias. Portanto existem documentos audiovisuais, e arquivos que contém apenas imagens em movimento, é certo que o primeiro tipo citado apresenta mais informações ao bibliotecário e arquivista, no momento da representação temática e descritiva. Os que não contém áudio, tem a indexação mais difícil e que precisa de grande sincronismo entre os profissionais de arquivo, jornalistas e cinegrafistas.

Buarque diz que documentos audiovisuais podem ser caracterizados como “sons e/ou imagens em movimento dispostos em um suporte (fita cassete, fita Beta, CD, DVD etc.)” (BUARQUE, 2008, p. 1) sendo disponibilizadas pelas pessoas em diferentes plataformas ou meios. Entretanto, é preciso salientar que no caso do arquivo de televisão, nem todos os arquivos serão propriamente audiovisuais.

Segundo Souza, o autor Edmondson (1998) cita que esse tipo de documento tem as seguintes características;

a) registro, transferência, percepção e compreensão da necessidade de um dispositivo tecnológico para a visualização do seu conteúdo; b) conteúdo visual e/ou sonoro que tem duração linear e c) comunicação do conteúdo como propósito, mais do que a utilização da tecnologia para outros propósitos (SOUZA, 2020, p. 73).

Outra autora que fala sobre documentos, é Heloísa bellotto (1991, p. 14), que diz que “A forma/função pela qual o documento é criado é que determina seu uso e seu destino de armazenamento futuro. É a razão de sua origem [...], e não o suporte sobre o qual está constituído, que vai determinar sua condição de documento de arquivo [...]”. Então assim como os documentos tradicionais em papel, ou peças de museus, no caso de arquivos de televisão a única diferença é o suporte.

Alguns autores classificam os documentos não tradicionais das áreas da Arquivologia e Biblioteconomia, com a denominação “documento especial”, neste caso os documentos em vídeo poderiam se encaixar. Souza (2020, p.73) diz que para Pearce-Moses (2005):

O documento especial é aquele que está armazenado separado de outros documentos, pois as suas características exigem tratamentos específicos ou seu formato é de grandes dimensões. Ele observa que, através de seu formato físico, os profissionais devem lidar com esses documentos, ainda que seja

necessária a criação de novas técnicas ou modelos de tratamento. (SOUZA, 2020. p. 73)

Assim, o avanço tecnológico é o responsável por ampliar as possibilidades de formatos e suportes do arquivamento de documentos audiovisuais das emissoras de televisão, as reportagens foram gradativamente passando de uma mídia a outra à medida que surge uma nova, trazendo inovação e melhor qualidade na gravação dos documentos.

Na atualidade muitos ambientes de arquivos estão passando por reformulação diante do avanço das novas tecnologias. A precariedade das primeiras emissoras brasileiras na década de 1950, fez com que parte da história dessa mídia e até mesmo do país, fosse registrada apenas por fotografias. Tudo transcorria de forma ao vivo, e como já explicado a ausência do aparelho VT impossibilitava o registro das imagens. Porém, a partir da década de 1970, começou a se ter consciência da importância do processo de arquivamento, desde então, várias mídias ou suportes foram ou continuam sendo usadas, como: DVD, BLU-RAY, VHS, M II, U-MATIC, dentre outros.

Sobre a preservação dos documentos dos arquivos de televisão, Busetto (2012) diz;

A maioria dos acervos da produção televisiva das últimas décadas segue constando, quando preservada e arquivada, nos centros de documentação das emissoras em atuação, quer sejam privadas, quer públicas. Os poucos registros que sobraram da produção de emissoras extintas se encontram pulverizados em diferentes locais, envoltos em indefinições quanto à sua propriedade e sujeitos a variadas situações de preservação. (BUSERETTO, 2012, on-line, s.p)

Segundo Santos (2013), os arquivos presentes nas mídias, acabam por se desgastar, as mídias precisam ser re-gravadas ou digitalizadas. O autor cita que elas podem apresentar falhas, perda da qualidade de imagem, e outros tipos de avarias.

[...] há mídias que serão eliminadas devido ao seu uso em excesso, o que faz com que a imagem gravada comece a “digitalizar”, ou seja, a mídia perde a qualidade, começando a apresentar “pontos”, “quadrados” ou “congelamentos” na imagem (SANTOS, 2013, p. 3).

Nem todas as emissoras digitalizaram seu acervo, algumas ainda se encontram com se utilizam de algumas mídias analógicas, porém a maioria hoje realiza o processo de arquivamento em tempo real, ou seja, ao vivo. Então dentro de uma empresa de comunicação, a informação está com o jornalista desde o processo de apuração, da produção e publicação, porém logo após isso, a guarda dela se torna uma responsabilidade de bibliotecários e arquivistas. Antes da

publicação, porém, a participação de arquivistas e bibliotecários se dá no processo de atendimento e de seleção das imagens de arquivo.

Importe ressaltar, o poder de bibliotecários e arquivistas dentro do processo de telejornalismo. É certo que ao solicitar imagens do arquivo, os produtores, repórteres e editores, irão fazer uma seleção das imagens fornecidas pelo arquivo, entretanto o primeiro profissional nesse processo decisório de edição, foi o arquivista ou bibliotecário, que por critérios próprios decidiu quais imagens deveriam ser utilizadas na pauta, ou seja, na matéria telejornalística. Esses critérios, incluem a ética, e técnicas informacionais advindas com esses profissionais dos seus cursos de graduação, e aprimoradas dentro do ambiente de trabalho. Portanto, dentro das empresas de comunicação, redação e arquivo, são igualmente importantes.

Na aquisição de técnicas para manipulação de arquivos dentro do ambiente da TV, os profissionais Arquivistas e Bibliotecários, acabam por adquirir competências também inerente à atividade jornalística, como por exemplo tem a percepção de escolha dos documentos das imagens que melhor satisfaçam e que melhor podem representar a informação que se pretende pelos jornalistas passar ao telespectador.

São várias as atividades de rotina que permeiam a existência e o funcionamento dos arquivos de telejornalismo. O atendimento, a representação descritiva, e a representação temática e atividades de organização do acervo. Dos dois processos de representação que o bibliotecário e o arquivista fazem de forma eficaz o processo de indexação. É importante lembrar e deixar claro que a depender do arquivo e dos softwares utilizados, os sistemas de buscas funcionam apenas para localização sendo ferramenta separada do local de onde se guarda o arquivo. Em outros casos, o sistema de busca também proporciona a pesquisa e a disponibilidade direta de acesso ao documento no próprio sistema. Veja abaixo:

- Sistema direto: o sistema já realiza a busca e o acesso ao documento, semelhante ao que acontece em bibliotecas digitais.
- Sistema indireto: o sistema realiza a busca indicativa, semelhante a uma biblioteca física que utiliza sistemas de automação no computador para indicação da disposição do acervo nas estantes e dos códigos de localização dos respectivos livros e documentos.

O fluxo diário de atividades dentro do arquivo, vem a variar conforme a estrutura e o método de arquivamento feito em cada empresa de comunicação. Ou seja, é possível que mídia ou suporte contendo as imagens que serão arquivados, seja disponibilizada para arquivistas e

bibliotecários já gravada, ou que os bibliotecários realizem a gravação dentro do ambiente de arquivo.

Geralmente, os arquivos obedecem a uma ordem em relação às suas mídias, ou peças no acervo. Por exemplo, o arquivo começou com a fita número um, depois o foi registrado a fita dois no livro de tombo, logo após a três, e assim de forma subsequente, seguindo também as datas que foram ao ar.

A catalogação dos documentos audiovisuais se dá, na maioria das vezes, por meio de números de registro, códigos de identificação, título e número dos programas, além de suas respectivas datas de exibição, que definem o local de guarda dos documentos em seu espaço físico, ou digital, correspondente. (SANTOS, 2013, p. 3)

Os registros de um arquivo de telejornalismo são tão vastos, que faz que bibliotecários e arquivistas, muitas vezes, não tenham apenas usuários internos, mas também externos. Os internos são os repórteres, editores chefes, editores de vídeo, apresentadores etc. Os externos são diversificados, podem ser empresas ou mesmo políticos. Santos (2013, p.03) diz que “quanto aos usuários de um arquivo de TV, são considerados os repórteres, cinegrafistas, apresentadores, produtores e editores, além dos clientes externos, a maioria deles entrevistados que participaram de alguma gravação”.

Os tipos de documentos jornalísticos dos arquivos de telejornalismo, são basicamente os mesmos que os jornalistas aprendem na faculdade em relação a forma de trazer a notícia, são reportagens, entradas ao vivo, notas cobertas, boletins. O único documento que pode fugir a isso, são os bancos de imagens, que na verdade são compilados de imagens sobre determinados temas que os editores de vídeo têm a liberdade de utilizar em vários tipos de documentos jornalísticos.

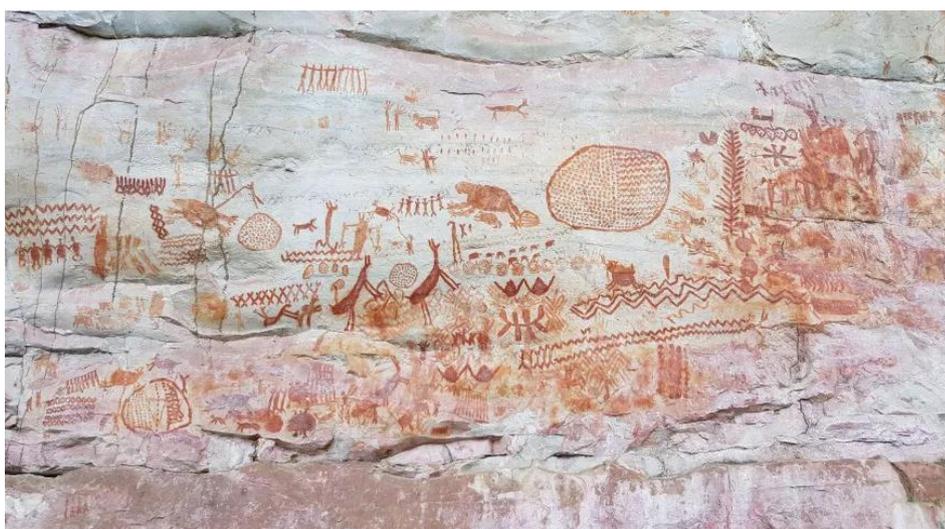
A partir dos documentos jornalísticos veiculados em cada telejornal, o profissional de arquivo vai observar os textos dispostos no script do jornal, uma espécie de roteiro do que irá ao ar, também o áudio da matéria, chamado de off, o que é observado das imagens, através de uma análise iconográfica, e os nomes dos entrevistados, desses três níveis o bibliotecário deve utilizar para indexar no sistema. Entretanto este tipo de indexação acontece de forma manual, quando o bibliotecário e arquivista retira os termos de dicionários controlados, diferente de alguns sistemas modernos onde a busca é por palavras que o texto contém, sem que haja a necessidade de pré indexação do sistema das palavras como temos chaves.

São esses níveis de onde os profissionais retiram termos para representação temática e a representação descritiva do conteúdo jornalístico, também chamada de decupagem, que abordaremos no capítulo seguinte a este.

4 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Desde os primórdios do início da civilização, quando o ser humano passou a ter preocupações além das ditas “normais” dentro da natureza, a espécie humana começou a se preocupar com a perpetuação de seus conhecimentos referentes à sobrevivência em sociedade ou sua cultura. As pinturas rupestres são uma das primeiras formas de representação do conhecimento feitas pela humanidade.

Fotografia 6 - Pintura rupestre feita 12 mil anos atrás na América do Sul - Last Journey Project



Fonte: www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/arte-rupestre-controversa-pode-retratar-gigantes-extintos-da-era-do-gelo/

Essas pinturas são um dos primeiros documentos de registro do conhecimento, onde o suporte eram as paredes de cavernas, visto a ausência da tecnologia do homem primitivo em construir suas próprias construções. Imagine, porém, que fosse possível colocar essas pinturas primitivas em um grande acervo de um arquivo ou de uma biblioteca, seria preciso uma nova representação desse documento para ser possível sua localização diante do grande número de documentos disponíveis no acervo.

Essa representação deverá incluir alguns termos básicos, como quem descobriu a pintura, onde ela foi feita, o que ela pretendia informar, quais animais estão representados ali. Mediante a produção da informação, é necessária organização e controle dos acervos para a sua recuperação. Se tratando de uma pintura poderíamos dizer que ela é a representação do conhecimento que o homem primitivo tinha, e que a representação documental desta pintura dentro de um museu, por exemplo, seria uma segunda representação deste conhecimento,

destinada a recuperar a informação baseada em uma representação mais fiel ao imaginário coletivo.

Isso é o que faz um arquivo de telejornalismo, o fato ocorrido é o que o jornalista apura para passar para seu espectador. Após a apuração, o jornalista se utiliza de técnicas da profissão, para mediação da informação através do texto e da linguagem jornalística, e procura deixar a linguagem do texto compreensível para o maior número de pessoas possível dentro de seu público-alvo. A utilização desta linguagem textual seria a primeira representação da informação, a segunda seria a representação documental. Nesta os bibliotecários fazem a representação descritiva e temática da informação, se valendo de vocabulários controlados para indexação, e que devem chegar o mais próximo possível da linguagem comum. Ou seja, deve ser feita baseada de forma a prever como o usuário iria utilizar os termos descritores para recuperar diretamente ou indiretamente o documento através do auxílio de um profissional, aquela informação.

Assim como para documentos em uma biblioteca, documentos de um arquivo de telejornalismo também precisam da representação temática e da representação descritiva. Conforme já ficou explicitado, a representação temática, se refere principalmente aos termos de busca e classificação do documento, enquanto a descritiva se refere às características do documento.

Nos próximos dois temas deste capítulo, ambas serão abordadas em separado, porém para esclarecer é bom realizar a comparação com um livro de uma biblioteca, onde a representação temática seria os termos relacionados ao tema e os assuntos abordados pelo livro, e a descritiva relacionada a características como tamanho e tipo de papel. Relacionando isso ao telejornalismo, teremos a seguinte realidade.

Representação	Gênero
Representação temática	O tema da matéria, exemplo: aumento de furtos no Ceará. Termos básicos: Aumento/ Furto/ Roubo/ Ceará
Representação Descritiva/iconográfica	Descrição das imagens contidas na matéria. Podem ser específicas, como exemplo um flagrante de assalto, ou genéricas como exemplo imagens de pessoas andando no centro de Fortaleza.

Como dito, a representação da informação busca de forma mais eficaz chegar mais próximo do imaginário e da linguagem coletiva.

O termo informação, na visão de Capurro e Hjørland (2003), deve considerar os indivíduos, a cultura, a subjetividade e a interpretação. No processo de recuperação da informação, o usuário é visto como um dos atores principais, pois manifesta seu interesse e seu conhecimento prévio (BAZI, 2007, p. 6, grifo nosso).

Bazi (2007, p. 6), lembra que,

Le Coadic (1996, p. 5) diz que informação é o produto do processo de comunicação, “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. Ainda sob o manto conceitual do autor, a informação é um significado transmitido aos indivíduos “por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal (...)”, através de um sistema de signos, significante e significado (BAZI, 2007, p. 6 *apud* COADIC, 1996, p. 5).

Para a CI, a informação tem um caráter abrangente, uma vez que ela procura entender a informação como fenômeno intrínseco às várias atividades e áreas do saber e que compõem o conhecimento humano. Portanto CI carrega consigo um DNA sociocultural com caráter conteudista, se importando com todas as áreas.

Por trabalhar com esse caráter de organização e representação do conhecimento e da informação, as áreas integrantes da CI carregam consigo a competência igualmente de fazer a representação de documentos jornalísticos. Neste caso a representação da informação é da informação notícia, informação que passou por processamento de técnicas jornalísticas para então ser disseminada ao público de maneira eficaz. Bazi (2007, p 7) diz que “a informação é frequentemente reescrita, condensada e traduzida para ser publicada (disseminada) à grande massa”.

A estrutura do corpo do texto noticioso, segundo Lage, pode ser considerado “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 1998,p.16).

Abaixo temos o modelo básico de ciclo de informação dentro do processo telejornalístico. Embora as novas mídias tenham trazido mudanças entre o emissor e o receptor, na mídia tradicional da TV esse esquema ainda é presente.

Mensagem/Código

EMISSOR → CANAL → RECEPTOR

Já no esquema abaixo, temos o ciclo de apuração da informação até o processo de arquivamento dentro do Arquivo de Telejornalismo. Vale ressaltar que como dito antes, o jornalista que é o emissor, transfere a guarda da informação ao receptor, que diferentemente de um receptor externo, o arquivista e o bibliotecário assim como o jornalista possuem poder sobre a informação e adquirem a guarda do documento.

Arquivamento/Informação

JORNALISTA → APURAÇÃO → EMISSÃO → ARQUIVISTA/BIBLIOTECÁRIO
→ REPRESENTAÇÃO → ARQUIVAMENTO

As técnicas jornalísticas de comunicação da informação e as de representação iconográfica dos documentos tem uma relação muito próxima. Nas técnicas jornalísticas a parte principal da informação é o que chamamos de lide, nesta o profissional precisa responder ao seu leitor, ouvinte ou telespectador um resumo fiel da notícia, pensando no fato de que quem assiste pode mudar de canal ou não ver a notícia até o fim. No Lide o autor precisa responder algumas perguntas, que são praticamente as mesmas que o bibliotecário e o arquivista precisam responder para um sistema de automação na representação temática e explicar de forma didática na representação descritiva.

Smit (1996, p. 32) diz o que deve ser descrito no processo de indexação da imagem:

As categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, utilizadas por muitos estudiosos como parâmetros para grande variedade de análises de textos, inclusive a documentária, é também preconizada para a Análise Documentária da imagem.

Para contextualizar melhor essa relação, vamos entender um pouco da técnica do lide jornalístico, a fim de justificar a abundância de literatura para realização desta pesquisa. O lide é o elemento básico dentro de toda matéria jornalística, (do inglês, que significa “abre”, abertura da notícia). A técnica é a de descrever logo no primeiro parágrafo da notícia, o contexto, ou seja, situar o leitor dentro de fato a ele apresentado. Para isso os jornalistas precisam responder a 6 perguntas básicas, o quê, quem, quando, onde, como, por quê.

Vale destacar, porém, que a semelhança da representação iconográfica, com a construção do lide, se refere a representação na noticiabilidade dos documentos, é evidente que os descritores de indexação do conteúdo noticioso do documento, será retirado do lide.

Entretanto não se deve esquecer dos descritos das imagens, por exemplo, imagens de fachadas de prédios públicos, hospitais, pessoas andando na rua, etc. Então neste caso é da representação descritiva, que se tira os termos para representação temática das imagens. Portanto temos a representação temática noticiosa, e a representação temática iconográfica.

Tipo	O que representa?
Representação temática noticiosa	Representa os termos baseados a partir do lide jornalístico respondendo às perguntas básicas e principais da notícia.
Representação temática iconográfica	Representa os termos referentes às imagens descritas, como exemplo, a fachada de um órgão público.

Assim, a representação temática também se divide em duas partes: a primeira dependendo do lide jornalístico bem escrito e estruturado com os termos descritores evidentes para que o profissional possa extraí-los para o exercício da indexação, a segunda, a representação temática que deriva da representação descritiva, também chamada de decupagem, e que será estudada a seguir.

4.1 Representação descritiva

Alguns arquivos batizam a representação descritiva dos documentos jornalísticos de decupagem, entretanto dentro do universo jornalístico, a palavra se refere a descrição das principais partes de um texto de uma matéria. O peso do arquivo no combate a desinformação, está no detalhamento, descritivo e indexador dos documentos. Por exemplo, uma matéria sobre lotação nos hospitais de Fortaleza é feita, por falar de algo mais abrangente, o repórter não exemplifica no texto da matéria, em qual hospital as imagens foram feitas. Isso demanda ou uma indexação genérica com termos a partir da descrição “imagens de hospitais lotados na cidade de Fortaleza” sem detalhar o lugar de forma precisa. Caso precise solicitar o documento ao arquivo para ter de onde foram feitas as imagens, a fim de desmentir a desinformação, eles não terão.

A representação descritiva é fundamental para a recuperação precisa da informação. No caso de documentos telejornalísticos, a representação descritiva pode ser considerada a transcrição do áudio do documento, como também a transcrição das imagens. Segundo o Site

Casa das Focas⁷ (2022), decupagem é “assistir ao material gravado e anotar o tempo em que estão os trechos mais interessantes para serem usados na edição”. A atividade de descrever imagens para posterior indexação, chamamos de iconográfica, em arquivos de televisão, portanto é trabalhado a iconografia de imagens em movimento.

A palavra decupagem deriva da língua francesa, de *découpage*, que significa recortar. Dentro dos ambientes de arquivo entre os profissionais a descrição das imagens também é chamada de decoupage. Desta forma a especificidade na descrição destas imagens favorece a indexação e por consequência a recuperação da informação.

Vejamos o exemplo de uma descritiva básica de uma matéria jornalística. Nosso exemplo se refere a execução de obras da prefeitura municipal na cidade de Fortaleza, sem referir aos locais específicos ou sobre a entrega de obras, apenas sobre os gastos do poder municipal com obras.

Representação descritiva genérica

Imagens da fachada da prefeitura de Fortaleza/ obra em uma avenida cidade/ obra de saneamento em um bairro da periferia da cidade/ área de risco na beira de um rio/ fachada da secretaria de infraestrutura da cidade//
--

É possível observar que as imagens foram descritas de forma genérica, pelo fato de não estar referido pelo áudio da matéria, isso ao arquivista ou bibliotecário, e igualmente pelo fato do Bibliotecário não ter acesso ou contato maior com os jornalistas que produziram e editaram a matéria. Isso é importante pois é um dos problemas que iremos propor solução no capítulo final deste trabalho.

Baseando-se no exemplo acima, o jornalista que escreveu o texto ou estava na equipe que produziu a matéria, pode solicitá-la a um arquivista ou bibliotecário, para utilização das imagens, desta vez para falar sobre uma obra em específico, se lembrando que as imagens foram feitas, entretanto com uma indexação iconografia baseada nos termos extraídos da representação acima, é improvável a recuperação. Em alguns casos o que acontece, e o bibliotecário e arquivista, ter um conhecimento prévio do lugar a que as imagens foram feitas e por iniciativa própria botar na decisão, entretanto em alguns casos não é recomendado tal prática, a menos que este profissional tenha real certeza da descrição exata das imagens.

⁷ Foca dentro da linguagem jornalística é o termo utilizado para designar os profissionais recém-formados da área.

Seguido no exemplo citado acima, vejamos uma representação descritiva mais exata relativa a mesma matéria.

Representação descritiva específica

Imagens da fachada da prefeitura de Fortaleza/ obra na avenida Washington Soares no bairro Edson Queiroz/ obra de saneamento no bairro Genibaú na periferia da cidade/ área de risco no Morro Santa Terezinha a beira do rio Maranguapinho/ fachada da secretaria de infraestrutura da cidade/

Outro fator de grande importância é se observar, é que também é possível a representação descritiva ficar em um litígio entre os dois exemplos já citados, como podemos ver abaixo.

Representação descritiva mista

Imagens da fachada da prefeitura de Fortaleza/ obra em avenida do bairro Edson Queiroz/ obra de saneamento a periferia da cidade/ área de risco a beira do rio Maranguapinho/ fachada da secretaria de infraestrutura da cidade//

Assim a ausência de representação exata implica na generalidade das imagens e na perda de especificidade, é informação que a redação produz e infelizmente fica no meio do caminho na viagem até o arquivo de imagens.

Outro problema que deve ser enfrentado pelos arquivos, é sobre a utilização das imagens do próprio arquivo na edição de novas matérias. É importante a informação em relação ao que é, e o que não é imagem de arquivo, mas sim imagem nova. Em uma representação de uma matéria contendo imagens de arquivo, a descrição seria a seguinte:

Representação descritiva de matéria que contém imagens de arquivo

Imagens de arquivo da fachada da prefeitura de Fortaleza/ imagem de arquivo obra na avenida Washington Soares no bairro Edson Queiroz/ obra de saneamento no bairro Genibaú na periferia da cidade/ área de risco no Morro Santa Terezinha a beira do rio Maranguapinho/ fachada da secretaria de infraestrutura da cidade//

Nesse caso, na descrição das imagens que tiverem “arquivo”, no exercício da recuperação será possível saber que a descrição se refere às imagens disponíveis pelo próprio acervo previamente.

Diferentemente da representação temática e descritiva de livros ou outros documentos, no arquivo de telejornalismo elas estão ligadas diretamente, e uma deriva parte de seu exercício diretamente da outra. Sem a representação descritiva de uma matéria ela terá sua representação temática de forma incompleta. No exemplo descrito acima, vemos a seguinte descrição “obra na avenida Washington Soares no bairro Edson Queiroz”, embora a matéria não fale diretamente desta obra. Se um jornalista precisar destas imagens para cobrir uma matéria que fala desta obra em específico, sem a representação descritiva de onde se irá derivar parte da representação temática, não será possível a recuperação. No caso de uma matéria contendo apenas imagens específicas referentes a tarja, como por exemplo um assalto, a possível ausência da representação descritiva tem um impacto menor na recuperação da informação.

Este último exemplo nos mostra que imagens podem transitar entre matéria a depender dos temas. Uma matéria que mostra pessoas andando no centro de uma grande cidade, pode ser utilizada numa matéria que tenha como tema central o comércio, ou outra que fale sobre o aumento do número de casas de uma doença como a covid.

4.2 Representação temática

Muito vem se debatendo a expansão das fronteiras da Biblioteconomia. Tal fato pode levar a uma discussão mais intensa acerca do que é uma biblioteca e o que é de fato um arquivo ou até mesmo um museu, uma vez que as técnicas de documentação de cada uma das áreas têm relação entre si. Em cada uma das três áreas coletadas da documentação, a atividade documental é um exercício cognitivo, igualmente também a prática da indexação.

A representação indexal de textos verbais ou não verbais é uma atividade que, a despeito de sua acentuada dimensão prática, relaciona-se a processos cognitivos. Trata-se de um fazer constituído por um conjunto de ações concernentes ao tratamento da informação contida nestes documentos, atribuindo-lhes etiquetas que possam representar o seu conteúdo, permitindo, não somente o acesso durante uma busca de informação em bases de dados, mas, também que o sujeito possa se deslocar sobre o documento mesmo, em sua natureza concreta, visando à recuperação posterior de seu conteúdo (PINTO BENTES, 2008, p. 21).

Portanto, conforme podemos observar na citação acima, a autora Virginia Bentes, classifica a indexação como uma atividade cognitiva, em um exercício de atribuição de etiquetas a documentos, ou seja, a utilização de palavras que representam aquela informação. Isso deve observar a leitura de em partes, considerando a complexidade da atividade de representação temática. Em um ambiente que se trabalha com indexação, toda atenção é necessária, e assim como diz Bentes (2008, p. 21),

Embora pareça simples, na realidade se trata de uma atividade complexa, visto que, em sua trama, estão envolvidas atividades de análise e síntese para a construção representacional dos conteúdos documentários (PINTO BENTES, 2008, p. 21).

Nas unidades de informação, a atividade de indexação pode ser feita com a utilização de linguagem natural ou controlada, sendo que em muitos arquivos de televisão a atividade de indexação manual dos termos descritores pré-existentes, ou seja, é necessário o bibliotecário anexar os termos ao documento, e não apenas descrever no texto. Durante a representação temática, o profissional busca representar de forma mínima o documento, de uma forma que seja possível a recuperação. Sobre a linguagem de indexação Cavalcante diz que é “dotada de um vocabulário controlado e regida por uma sintaxe própria” (CAVALCANTI, 1978, p. 18)

Segundo alguns autores, a forma de indexação e sua profundidade, pode variar conforme a necessidade das unidades de informação. Sendo que Guinchat e Menou (1994) dividem a mesma em três níveis, genérica, média e exaustiva.

Assim como já citado anteriormente com a representação descritiva, a genérica pode ser considerada uma representação mais básica, e que em alguns casos pode não ser possível a recuperação do documento em questão. Conforme Guinchat e Menou (1994), esse tipo de representação, se dedica apenas aos assuntos principais do documentos, mais gerais, e menos específicos.

A indexação média segundo os mesmos autores é aquela que “pode referir-se ao conjunto dos assuntos tratados nos documentos, identificados com termos relativamente gerais [...], que pode conter até uma dezena de descritores” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 176).

Já a representação exaustiva, se refere à totalidade do documento, frase por frase, pedaço a pedaço, de onde será possível a retirar de uma indexação rica e precisa em um banco de dados. Assim a representação do áudio de uma matéria, da manchete da mesma, e a representação iconográfica, de todo o documento. Guinchat e Menou (1994) ainda falam da representação seletiva, onde seria representada apenas as partes principais ou relevantes para o interesse do usuário.

A indexação de fotografias, ou qualquer outro tipo de informação, deve contemplar as necessidades de seu solicitante, e usuário. Toda imagem passa para o espectador um sentido denotativo e conotativo, respectivamente se referindo ao que a imagem contém dentro dela, e o outro, a qual evento ou sensação ele desperta. Isso torna a indexação do documento visual mais complexa em relação ao documento de texto.

Joana Smit (1996) citando Shatford (1986) diz que a imagem é genérica, mas também é específica, ou seja, a especificidade da imagem pode ficar oculta, se perder no processo de produção ao processo de arquivamento. Para Smit, o nível genérico de representação, também pode ser chamado de pré-iconográfico e o nível específico de nível iconográfico,

A autora relaciona o nível pré-iconográfico ao nível genérico e o nível iconográfico ao nível específico da imagem. Shatford (1986 *apud* MANINI, 2002) afirma que uma imagem pode ser específica ou genérica DE algo ou pode ser SOBRE algo.

A diferença sobre o DE e o SOBRE para Shatford, segundo diz Manini (2002, p. 73) é:

Na distinção entre o DE (Genérico e Específico) e o SOBRE, temos que o DE é mais objetivo e consensual; já o SOBRE mais subjetivo e de consenso limitado, estando esta limitação vinculada à polissemia da imagem e ao repertório do observador. O SOBRE é tudo o que não é imagem em si, embora ele “esteja” na imagem.

Assim podemos dizer que os níveis pré-iconográfico, e iconográfico, tem o se ligam ao DE genérico e específico respectivamente, a o sobre está ligado ao nível iconológico. Então, mediante a esses níveis, toda imagem vem a ser genérica, mas ao mesmo tempo específica.

Erwin Panofsky, teoriza três níveis para indexação de imagens estática e fotografias, (como a decupagem a indexação de vídeo também se trata de indexação iconográfica, então também se aplica a este caso), o pré-iconográfico, o iconográfico e o iconológico. Smit (1996, p. 30) resume estes níveis:

- nível pré-iconográfico: nele são descritos, genericamente, os objetos e ações representados pela imagem;
- nível iconográfico: estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem. Trata-se, em suma, da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem, sintetizado a partir de seus elementos componentes, detectados pela análise pré-iconográfica;

- nível iconológico: propõe uma interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas recebe fortes influências do conhecimento do analista sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi gerada.

Um exemplo do processo de indexação no sistema do arquivo de TV. Devido a pandemia de Covid -19 o arquivo tem recebido muitas imagens de leitos cheios em hospitais. Dentro dos conceitos levantados, o SOBRE das imagens seriam “leitos de hospital”, e o DE seria a causa dessas ocupações, e o lugar onde aqueles leitos estão.

É de grande importância os jornalistas terem ciência que isso pode fazer a diferença na hora da indexação. Sem saber das especificidades da imagem, a mesma se torna generalista, e pode ser usada em matérias também de caráter generalista e não sobre um lugar ou fato em específico.

Justamente por isso que as perguntas que devem ser respondidas na indexação iconográfica, são indispensáveis. Vamos explicar esses conceitos dentro da biblioteconomia e depois compará-los com o do lide do jornalismo, para termos uma ideia de como uma área se liga a outra, pelo fato de sua matéria prima ser a informação.

Recorrendo a Citação de Smit que foi referida no início desse capítulo (1996, p. 32) o processo de indexação da imagem deve descrever:

As categorias QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUÊ, utilizadas por muitos estudiosos como parâmetros para grande variedade de análises de textos, inclusive a documentária, é também preconizada para a Análise Documentária da imagem.

Vejamos o exemplo no quadro a seguir:

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”; espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria).

QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão).
COMO/ O QUÊ	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p. ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Trazendo esse contexto das áreas da CI e com a Comunicação e o Jornalismo, é impressionante a semelhança da técnica iconográfica ao lide da matéria jornalística. São muito parecidas as perguntas que os bibliotecários precisam responder na indexação documentária. O arquivo de TV trabalha com iconografia de imagem em movimento, e para indexação da informação o bibliotecário precisa saber exatamente a mesma coisa que o jornalista precisa passar para seu espectador. Nesse contexto, o lide jornalístico, será uma das matérias primas na solução de problemas de representação encontrados por bibliotecários e arquivistas.

Essas são justamente as perguntas que todo jornalista deve responder na sua matéria, para poder contextualizar e passar a informação ao seu receptor. E também é a mesma pergunta que ele pode responder ao bibliotecário para solicitar a recuperação do conteúdo indexado. Como já referido, é o primeiro parágrafo do texto noticioso e é dele que os arquivistas e bibliotecários irão colher os descritores para representação temática da informação. As perguntas básicas do lide são:

PERGUNTA	EXEMPLO DE RESPOSTA
O QUÊ?	Acidente com um avião Boeing
QUEM?	260 pessoas a bordo

QUANDO?	Nesta segunda (15)
ONDE?	São Paulo
COMO?	Avião bateu em um prédio
POR QUÊ?	Ainda está se investigando as causas do acidente

Conforme explicitado no início do capítulo, a representação descritiva da informação de matérias telejornalísticas tem duas divisões: uma que etiqueta a notícia e o texto, que é a representação temática noticiosa, e outra que caracteriza as imagens utilizadas para a matéria, a representação temática iconográfica.

Ambas têm sua importância. Como exemplo poderíamos citar uma matéria sobre a lotação de pacientes em unidades de saúde, que poderia conter imagens específicas, de certas unidades, que só serão recuperadas se a representação descritiva específica for feita. Sem ela, com a utilização apenas do texto jornalístico, o profissional indexador recupera apenas descritores como “hospital” e “lotação”.

Observemos o texto da matéria a seguir para retirada dos descritores.

Jornal Nacional - 10/10/2022

NGF SUCESSO CENSO

#CABEÇA: VAMOS FALAR AGORA DO **CENSO DEMOGRÁFICO**, A CADA DEZ ANOS O **IBGE** REALIZA A CONSULTA, A ÚLTIMA HAVIA SIDO EM DOIS MIL E DEZ// A CONSULTA DE DOIS MIL E VINTE FOI CANCELADA POR CONTA DA PANDEMIA/ E ESTÁ SENDO REALIZADA ESTE ANO/ E O TRABALHO DOS **RECENSEADORES** TÊM SIDO FUNDAMENTAL AQUI EM **FORTALEZA** E EM TODO BRASIL/ É O QUE MOSTRA O REPÓRTER **ALESSANDRO TORRES**//

REPORTAGEM DE **ALESSANDRO TORRES**

#TARJA - O TRABALHO DOS **RECENSEADORES** TÊM SIDO FUNDAMENTAL PARA O AVANÇO DO **CENSO DEMOGRÁFICO**, QUE TÊM SIDO MAIS RÁPIDO NAS ÁREAS RURAIS

IMAGENS

**CARLOS MARLON
WALBERT COSTA**

ENTREVISTADOS – **LUCIANO BORGES** - TRATADOR DE EQUINOS/
FRANCISCO LOPES - SUPERINTENDENTE/ IBGE-CE/ **FRANCISCO DAS
CHAGAS MARTINS** - RECENSEADOR/ **VANDERLENE DE SOUSA PAULA** -
DONA DE CASA/ **ANDERSON SOUSA QUEIROS** - RECENSEADOR/ **SUELY
TEIXEIRA SANTOS** - CABELEIREIRA

=====

#"NR CENSO RURAL VALE"

#OFF

DE PORTEIRA EM PORTEIRA, OS RECENSEADORES QUE TRABALHAM NA ZONA RURAL VÃO AVANÇANDO NOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS MORADORES QUE COSTUMAM PASSAR O DIA NAS PROPRIEDADES ONDE VIVEM E TRABALHAM.

É O CASO DO LUCIANO QUE VEIO À GALOPE RESPONDER ÀS PERGUNTAS...

#SON/ LUCIANO - TC 02:13

"ISSO AÍ É MUITO IMPORTANTE: A PESSOA CHEGAR PRA GENTE, SABER COMO É QUE A GENTE TÁ NÉ, NO BRASIL"

#OFF

É ESTE O OBJETIVO DO CENSO: SABER QUANTOS SÃO, QUEM SÃO E COMO VIVEM OS BRASILEIROS. ISSO SERVE PRA ORIENTAR POLÍTICAS PÚBLICAS POR EXEMPLO.

(PODE CAIR ESSE OFF ACIMA)

DEPOIS DE DOIS MESES DE RECENSEAMENTO, OS DADOS DE METADE DOS DOMICÍLIOS DO PAÍS FORAM REGISTRADOS.

A MÉDIA É MAIOR NA REGIÃO NORDESTE (65,6%)

#SON/ FRANCISCO LOPES - SUPERINTENDENTE/ IBGE-CE - CLIP 004 - TC 31:30

"UM DOS FATORES É QUE NÓS ESTAMOS COM RECENSEADORES SUFICIENTES NO MOMENTO. ///32:04 /// A REGIÃO NORDESTE TEM UMA CARÊNCIA DE EMPREGO, ENTÃO O CENSO FOI UMA OPORTUNIDADE DE EMPREGAR PESSOAS POR UM NÚMERO DE MESES, QUE VAI CHEGAR A QUATRO MESES, E QUE , COM ISSO, A GENTE TEM PESSOAS QUE ESTÃO EFETUANDO UM TRABALHO PERCEBENDO SEU SALÁRIO"

#OFF

O CEARÁ SE DESTACA COMO TERCEIRO ESTADO DO PAÍS EM SETORES CONCLUÍDOS, ATRÁS APENAS DE SERGIPE E PIAUÍ.

NAS ÁREAS URBANAS, A AUSÊNCIA DOS MORADORES NAS CASAS DURANTE O DIA E O MEDO CAUSADO PELA VIOLÊNCIA EXIGEM MAIS DOS RECENSEADORES.

#SON/ FRANCISCO DAS CHAGAS MARTINS- RECENSEADOR- CLIP 064 - TC 15:47

"A INSEGURANÇA, PRINCIPALMENTE AQUI NA PERIFERIA, É MUITO GRANDE. AS PESSOAS NÃO ABREM A PORTA PRA QUALQUER UM"

#OFF

MESMO ASSIM, O FRANCISCO DAS CHAGAS JÁ CONSEGUIU ENTREVISTAR QUASE DOIS MIL MORADORES (1901) E É UM DOS CAMPEÕES DO CENSO NO BRASIL !

#SOBE-SOM (ELE APLICANDO QUESTIONÁRIO)- CLIP 044 - TC 05:05

"EXISTE MAIS ALGUMA PESSOA QUE, NORMALMENTE, VIVE AQUI, MAS, ESTÁ AUSENTE POR MOTIVO DE TRABALHO ??"

#VOLTA SON/ FRANCISCO- CLIP 064 - TC 14:58

"EU SAIO OITO DA MANHÃ E CHEGO OITO DA NOITE AQUI.// 15:02 // DURANTE O DIA VOCÊ PEGA UM TIPO DE PESSOAS E A NOITE VOCÊ PEGA O RESTANTE QUE ESTÃO CHEGANDO"

#SON/ VANDERLENE DE SOUSA PAULA - DONA DE CASA - CLIP 062 - TC 12:56

"AJUDA MUITO TAMBÉM PORQUE ELE É CONHECIDO NÉ, A GENTE JÁ CONHECE, AÍ FICA BEM MAIS FÁCIL DE ABRIR A PORTA, ATENDER"

#PASSAGEM - CLIP 035

"NAS CIDADES UMA DAS ESTRATÉGIAS DO IBGE É DAR AOS RECENSEADORES A POSSIBILIDADE DE ESCOLHER SETORES PERTO DE CASA OU NO PRÓPRIO BAIRRO. ISSO FACILITA O DESLOCAMENTO E TAMBÉM O CONTATO COM PESSOAS QUE SÃO VIZINHAS OU CONHECIDAS"

#OFF

ISSO CONTRIBUIU PARA O ANDERSON ENTREVISTAR MAIS DE MIL PESSOAS. MAS, A DEDICAÇÃO AO TRABALHO TEM SIDO FUNDAMENTAL PRA AJUDAR O IBGE A DESCOBRIR O PERFIL DOS BRASILEIROS...

#SON/ ANDERSON SOUSA QUEIROS - RECENSEADOR - CLIP 005 - TC 37:28

"INSISTÊNCIA. E PERGUNTAR AO VIZINHO QUE HORAS É O MELHOR HORÁRIO PRA ENCONTRAR A PESSOA. E EXPLICAR /// QUAL O SENTIDO DO CENSO, QUE É ALGO MUITO IMPORTANTE PRA POPULAÇÃO, PRA TODOS OS BRASILEIROS NÉ"

#SON/ SUELY TEIXEIRA SANTOS - CABELEIREIRA - CLIP 046 - TC 06:23

"FOI RAPIDINHO. ABRA A PORTA, DÊ CHANCE PRA TERMINAR ESSE SERVIÇO, QUE ESSE É UM SERVIÇO IMPORTANTE PRA POPULAÇÃO"

No primeiro exemplo, vemos em negrito os descritores do assunto principal da matéria, os recenseadores do IBGE. Além deles, é importante destacar que o nome de cada um dos entrevistados deve ser indexado, bem como o nome da equipe participante na produção e edição da matéria, como o nome de repórteres produtores, e cinegrafistas.

No texto, partes como OFF, Passagem, Sonora, são, respectivamente: a parte que o repórter narra a notícia sem aparecer nas imagens, a parte onde o repórter aparece falando e narrando os fatos, e as entrevistas com as fontes. Na tarja encontramos a seguinte descrição: “o avanço do censo demográfico, que tem sido mais rápido nas áreas rurais”, entretanto, a matéria mostra apenas os profissionais atuantes na cidade de Fortaleza, neste caso o termo “área rural” não deve ser destacado como descritor.

Vejamos agora a representação descritiva genérica e específica para a respectiva matéria, e os respectivos descritores colhidos delas.

Representação genérica	Representação específica
Imagens de recenseador batendo no portão de uma residência/ fachada do IBGE/ pessoas andando na rua/ aérea de bairro da periferia/ Vielas de uma favela//	Imagens de recenseador batendo no portão de uma residência no bairro Henrique Jorge em Fortaleza/ fachada do IBGE no bairro Benfica em Fortaleza/ pessoas andando na rua Guilherme Rocha no Centro de Fortaleza/ aérea do bairro Conjunto Ceará na periferia de Fortaleza/ Vielas da Comunidade dos Trilhos em Fortaleza//
Descritores	Descritores
recenseador fachada IBGE aérea periferia favela pessoas andando na rua	recenseador Henrique Jorge fachada IBGE Guilherme Rocha Centro de Fortaleza aérea Conjunto Ceará favela pessoas andando na rua Comunidade dos Trilhos

O exemplo acima mostra a diferença que uma representação descritiva pode fazer no processo de indexação de documentos jornalísticos. Os descritores acima foram colhidos para um hipotético processo de indexação manual, onde o profissional do arquivo liga o documento aos descritores, diferente da indexação automática como acontece no google, onde o buscador realiza busca direta com base em palavras do texto.

No capítulo a seguir, iremos estudar um modelo de representação do documento jornalístico, para observância da necessidade da riqueza no processo de indexação e recuperação da informação.

5 PROPOSTA DE MODELO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA PARA IMAGENS DE VÍDEO

Nesse capítulo vamos criar um modelo de representação de documentos jornalísticos com objetivo de recuperar a informação de forma eficaz e eficiente. Entre as formas de representação citadas ao longo do trabalho, destacamos a descritiva e temática, cada uma com suas especificações e com relação de dependência muito próxima.

Dentro de um ambiente de arquivo, é possível que algum jornalista ou outro solicitante, dê informações pedindo matérias específicas de determinado repórter, sobre determinado assunto. Neste caso, conseguimos notar que é necessário a indexação do descritor como um participante do documento, do repórter em questão. Além do repórter, outras pessoas estão envolvidas no processo de produção dos documentos jornalísticos, como produtores, cinegrafistas, editores de vídeo, etc. Vejamos a tabela a seguir:

Participante	Descritor
Repórter	Wilnan Custódio
Produção	Kátia Patrocínio
Edição	Cyntia Chaves
Cinegrafista	Tadeu Feitosa

Assim, a importância da indexação do nome de algum componente da matéria é fundamental uma vez que pode ser dado como palavra-chave pelo usuário como um dos pontos para recuperação do documento. Por exemplo, um jornalista pode solicitar a última matéria, ou uma matéria de tal data, sobre determinado assunto, que foi editada por determinado editor. Os termos do assunto de tarja e o nome do editor, podem ser pontos de recuperação eficiente quando cruzados na pesquisa justamente por se tratar de busca de um documento específico.

Outra parte que se aconselha que se tenha em registro, é a cabeça da matéria, que nada mais é do que a parte que o apresentador do telejornal ler antes de chamar uma matéria, um boletim, ou uma entrada ao vivo de algum repórter. Mesmo que o texto da matéria não esteja em áudio dentro da reportagem ou em boletins, é importante seu arquivamento. Vejamos exemplos de cabeça.

UMA SELEÇÃO MUITO ESPECIAL TEM FEITO SUCESSO NESTA COPA DO MUNDO./ E ELA NÃO ESTÁ NO CATAR E SIM AQUI EM FORTALEZA, MAIS PRECISAMENTE NO CAMPUS DO PICI, DA UFC./ VAMOS VER NA REPORTAGEM.//

Nesta primeira cabeça, podemos destacar por exemplo o descritor, “Campus do pici”, que não esteve presente na Tarja, e nem no áudio da matéria neste caso, sem a utilização da cabeça pelos profissionais da cabeça a localização poderia perder parte de sua especificidade, onde seria indexado apenas a descritor UFC. Supondo ainda a ausência dos dois termos “Campus do Pici” e “UFC” indexação iria conter apenas os termos genéricos “campus universitário” ou “universidade”, neste caso percebemos que até mesmo a especificidade contém níveis de especificidade.

campus universitário → Campus do Pici

universidade → UFC

Considerando que apenas os termos genéricos fossem indexados, isso iria dificultar a recuperação da informação, principalmente pelo fato de que os Bibliotecários e Arquivistas não poderiam dar com precisão ao usuário sobre a matéria em questão. Se o atendimento fosse para recuperação específica do documento, poderiam ser recuperados através da utilização do termo, universidade, abandono de animais, e pelo nome do repórter. Porém no caso da utilização dos descritores específicos, a recuperação poderia ser mais rápida e precisa.

A segunda cabeça fala de um incêndio que ocorreu em uma loja da rede loja Magazine Luiza na cidade de Fortaleza. Nem na cabeça, nem na tarja e nem no áudio da matéria, o repórter utiliza a terminologia “magazine luiza”, por regras do próprio jornalismo para a não identificação de estabelecimentos comerciais. Entretanto ao realizar a representação descritiva é possível ao bibliotecário a identificação da loja através das imagens, neste caso é aconselhado ao profissional destacar o descritor do nome da loja, já que um usuário pode solicitar o documento através de descritores, "incêndio" e “magazine Luíza”.

A EXPLOSÃO DE UM AR-CONDICIONADO FOI VISTA NO INÍCIO DO INCÊNDIO NUMA LOJA DE ELETRODOMÉSTICOS, NO BAIRRO WASHINGTON SOARES, AQUI EM FORTALEZA./ OS BOMBEIROS TIVERAM DIFICULDADE NO COMBATE ÀS CHAMAS, QUE TOMOU GRANDES PROPORÇÕES.//

Outra parte utilizada para arquivamento é a tarja, que é um resumo do lide, parecendo com as manchetes utilizadas no jornal impresso. É importante seu arquivamento, pelo mesmo fato da importância do arquivamento da cabeça, a tarja pode conter informações que não aparecem na cabeça e nem na tarja. A seguir, vê-se exemplo de tarja para matéria para cabeça que já demos como exemplo anteriormente , sobre uma campanha de adoção de cães na UFC.

**Tarja - SELEÇÃO BOA PRA CACHORRO
PROJETO USA NOME DE JOGADORES PARA INCENTIVAR ADOÇÃO DE
ANIMAIS ABANDONADOS**

Após a tarja, outra parte fundamental a se destacar são os nomes dos entrevistados, ou seja, das fontes, vejamos o exemplo abaixo.

**ENTREVISTADOS – LUCIANO BORGES - TRATADOR DE EQUINOS/
FRANCISCO LOPES - SUPERINTENDENTE/ IBGE-CE/ FRANCISCO DAS
CHAGAS MARTINS - RECENSEADOR/ VANDERLENE DE SOUSA PAULA -
DONA DE CASA/ ANDERSON SOUSA QUEIROS - RECENSEADOR/ SUELY
TEIXEIRA SANTOS - CABELEIREIRA**

Os descritores, nesse caso, são os nomes dos entrevistados, porém será necessário destacar a relação entre o nome e a atividade ou status dos entrevistados. Por exemplo, podemos ter o nome de um entrevistado que seja “Paulo André”, mas ao indexamos temos que destacar o descritor correto, o nosso entrevistado é médico portanto o termo utilizado deve ser Paulo André - médico. É possível que existam “Paulo André - Político”, “Paulo André - Cantor”, e entre outros.

A representação descritiva deve aparecer na representação, antes dos nomes dos entrevistados, e vir esquematizada da mesma forma como representada como já referida no item 4.1 do trabalho. Sua presença é fundamental para realização das imagens, muitas vezes até mesmo em matérias com temas variados. Entretanto é fundamental que no script do jornal, o bibliotecário tenha acesso a saber, o que na matéria é imagem nova, é o que é imagem de arquivo. Por isso é importante o destaque por parte do produtor em especificar, “imagens de arquivo, fachada do IBGE, imagens novas, recenseadores batendo nas portas das casas”.

Outro fator a se levar em consideração é a indexação de outras pessoas como participantes da matéria, por mais que eles não tenham dado entrevistas. Por exemplo, um suspeito e condenado, que aparece sendo preso, um jogador fazendo um gol, e outras situações

em que o participante apenas aparece seu nome ou imagem na matéria, mas sem dar entrevista, mesmo assim esses nomes devem ser indexados pois o usuário pode dar este como um dos pontos para busca.

Após todas as partes referidas, temos a transcrição do áudio, nela vai estar todas as partes em áudio da reportagem, desde a voz do repórter a voz dos entrevistados. Veja o exemplo a seguir:

#OFF

DE PORTEIRA EM PORTEIRA, OS RECENSEADORES QUE TRABALHAM NA ZONA RURAL VÃO AVANÇANDO NOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS MORADORES QUE COSTUMAM PASSAR O DIA NAS PROPRIEDADES ONDE VIVEM E TRABALHAM.

É O CASO DO LUCIANO QUE VEIO À GALOPE RESPONDER ÀS PERGUNTAS...

#SON/ LUCIANO - TC 02:13

"ISSO AÍ É MUITO IMPORTANTE: A PESSOA CHEGAR PRA GENTE, SABER COMO É QUE A GENTE TÁ NÉ, NO BRASIL"

#OFF

É ESTE O OBJETIVO DO CENSO: SABER QUANTOS SÃO, QUEM SÃO E COMO VIVEM OS BRASILEIROS. ISSO SERVE PRA ORIENTAR POLÍTICAS PÚBLICAS POR EXEMPLO.

(PODE CAIR ESSE OFF ACIMA)

DEPOIS DE DOIS MESES DE RECENSEAMENTO, OS DADOS DE METADE DOS DOMICÍLIOS DO PAÍS FORAM REGISTRADOS.

A MÉDIA É MAIOR NA REGIÃO NORDESTE (65,6%)

#SON/ FRANCISCO LOPES - SUPERINTENDENTE/ IBGE-CE - CLIP 004 - TC 31:30

"UM DOS FATORES É QUE NÓS ESTAMOS COM RECENSEADORES SUFICIENTES NO MOMENTO. ///32:04 /// A REGIÃO NORDESTE TEM UMA CARÊNCIA DE EMPREGO, ENTÃO O CENSO FOI UMA OPORTUNIDADE DE EMPREGAR PESSOAS POR UM NÚMERO DE MESES, QUE VAI CHEGAR A QUATRO MESES, E QUE, COM ISSO, A GENTE TEM PESSOAS QUE ESTÃO EFETUANDO UM TRABALHO PERCEBENDO SEU SALÁRIO"

#OFF

O CEARÁ SE DESTACA COMO TERCEIRO ESTADO DO PAÍS EM SETORES CONCLUÍDOS, ATRÁS APENAS DE SERGIPE E PIAUÍ.

NAS ÁREAS URBANAS, A AUSÊNCIA DOS MORADORES NAS CASAS DURANTE O DIA E O MEDO CAUSADO PELA VIOLÊNCIA EXIGEM MAIS DOS RECENSEADORES.

#SON/ FRANCISCO DAS CHAGAS MARTINS- RECENSEADOR- CLIP 064 - TC 15:47

"A INSEGURANÇA, PRINCIPALMENTE AQUI NA PERIFERIA, É MUITO GRANDE. AS PESSOAS NÃO ABREM A PORTA PRA QUALQUER UM"

#OFF

MESMO ASSIM, O FRANCISCO DAS CHAGAS JÁ CONSEGUIU ENTREVISTAR QUASE DOIS MIL MORADORES (1901) E É UM DOS CAMPEÕES DO CENSO NO BRASIL!

#SOBE-SOM (ELE APLICANDO QUESTIONÁRIO) - CLIP 044 - TC 05:05

"EXISTE MAIS ALGUMA PESSOA QUE, NORMALMENTE, VIVE AQUI, MAS, ESTÁ AUSENTE POR MOTIVO DE TRABALHO ???"

#VOLTA SON/ FRANCISCO- CLIP 064 - TC 14:58

"EU SAIO OITO DA MANHÃ E CHEGO OITO DA NOITE AQUI. // 15:02 // DURANTE O DIA VOCÊ PEGA UM TIPO DE PESSOAS E A NOITE VOCÊ PEGA O RESTANTE QUE ESTÃO CHEGANDO"

#SON/ VANDERLENE DE SOUSA PAULA - DONA DE CASA - CLIP 062 - TC 12:56

"AJUDA MUITO TAMBÉM PORQUE ELE É CONHECIDO NÉ, A GENTE JÁ CONHECE, AÍ FICA BEM MAIS FÁCIL DE ABRIR A PORTA, ATENDER"

#PASSAGEM - CLIP 035

"NAS CIDADES UMA DAS ESTRATÉGIAS DO IBGE É DAR AOS RECENSEADORES A POSSIBILIDADE DE ESCOLHER SETORES PERTO DE CASA OU NO PRÓPRIO BAIRRO. ISSO FACILITA O DESLOCAMENTO E TAMBÉM O CONTATO COM PESSOAS QUE SÃO VIZINHAS OU CONHECIDAS"

#OFF

ISSO CONTRIBUIU PARA O ANDERSON ENTREVISTAR MAIS DE MIL PESSOAS. MAS, A DEDICAÇÃO AO TRABALHO TEM SIDO FUNDAMENTAL PRA AJUDAR O IBGE A DESCOBRIR O PERFIL DOS BRASILEIROS...

#SON/ ANDERSON SOUSA QUEIROS - RECENSEADOR - CLIP 005 - TC 37:28

"INSISTÊNCIA. E PERGUNTAR AO VIZINHO QUE HORAS É O MELHOR HORÁRIO PRA ENCONTRAR A PESSOA. E EXPLICAR /// QUAL O SENTIDO DO CENSO, QUE É ALGO MUITO IMPORTANTE PRA POPULAÇÃO, PRA TODOS OS BRASILEIROS NÉ"

#SON/ SUELY TEIXEIRA SANTOS - CABELEIREIRA - CLIP 046 - TC 06:23

"FOI RAPIDINHO. ABRA A PORTA, DÊ CHANCE PRA TERMINAR ESSE SERVIÇO, QUE ESSE É UM SERVIÇO IMPORTANTE PRA POPULAÇÃO"

Ao analisarmos a transcrição do áudio, analisamos as seguintes terminologias: OFF, Passagem e Sonora. O primeiro seria a voz do repórter coberta por imagens. A segunda corresponde às imagens do repórter aparecendo diante das câmeras. Sonora seria as entrevistas com as fontes.

Muitas vezes, durante a produção de uma matéria, os jornalistas procuram órgãos de estado para que eles possam se manifestar sobre uma hipotética denúncia em questão, ou

procurar um parecer da defesa de uma acusação sobre sobre as acusações ou possíveis crimes. É bem comum que essas partes muitas vezes se manifestem apenas após o fechamento da matéria, neste caso em seguida do momento da exibição da reportagem, o apresentador lê um pequeno texto a qual chamamos de “nota pé”. Este também deve ser indexado, e deve ser contemplado na ficha abaixo do texto com a transcrição do áudio da reportagem.

Considerando todas as partes que foram destacadas para representação adequada do documento, uma ficha completa de um documento jornalístico deveria ter o seguinte formato:

Data <u>10/10/2022</u>
Mídia de arquivamento 14989
Nome do telejornal <u>Jornal Nacional</u>
Retranca NGF SUCESSO CENSO
Cabeça #CABEÇA: VAMOS FALAR AGORA DO CENSO DEMOGRÁFICO / A CADA DEZ ANOS O IBGE REALIZA A CONSULTA/ A ÚLTIMA HAVIA SIDO EM DOIS MIL E DEZ// E A CONSULTA DE DOIS MIL E VINTE QUE FOI CANCELADA POR CONTA DA PANDEMIA/ E ESTÁ SENDO REALIZADA ESTE ANO// O TRABALHO DOS RECENSEADORES TÊM SIDO FUNDAMENTAL AQUI EM FORTALEZA E EM TODO BRASIL/ É O QUE MOSTRA O REPÓRTER ALESSANDRO TORRES //
Repórter REPORTAGEM DE ALESSANDRO TORRES
Tarja #TARJA - O TRABALHO DOS RECENSEADORES TÊM SIDO FUNDAMENTAL PARA O AVANÇO DO CENSO DEMOGRÁFICO , QUE TÊM SIDO MAIS RÁPIDO NAS ÁREAS RURAIS
Equipe IMAGENS CARLOS MARLON WALBERT COSTA PRODUÇÃO JOÃO MARIA WILNAN CUSTÓDIO EDIÇÃO DE VÍDEO RICARDO NUNES IMAGENS DE ARQUIVO FERNANDA AGUIAR

Representação descritiva

Imagens de **recenseador** batendo no portão de uma residência no bairro **Henrique Jorge** em **Fortaleza/ fachada do IBGE** no bairro **Benfica** em **Fortaleza/ pessoas andando na rua Guilherme Rocha** no **Centro de Fortaleza/ aérea** do bairro **Conjunto Ceará** na periferia de **Fortaleza/ Vielas da Comunidade dos Trilhos** em **Fortaleza//**.

Entrevistas

ENTREVISTADOS – **LUCIANO BORGES** - TRATADOR DE EQUINOS/
FRANCISCO LOPES - SUPERINTENDENTE/ IBGE-CE/ **FRANCISCO DAS CHAGAS MARTINS** - RECENSEADOR/ **VANDERLENE DE SOUSA PAULA** - DONA DE CASA/ **ANDERSON SOUSA QUEIROS** - RECENSEADOR/ **SUELY TEIXEIRA SANTOS** - CABELEIREIRA

Texto

=====

#"NR CENSO RURAL VALE"

#OFF

DE PORTEIRA EM PORTEIRA, OS RECENSEADORES QUE TRABALHAM NA ZONA RURAL VÃO AVANÇANDO NOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS MORADORES QUE COSTUMAM PASSAR O DIA NAS PROPRIEDADES ONDE VIVEM E TRABALHAM.

É O CASO DO LUCIANO QUE VEIO À GALOPE RESPONDER ÀS PERGUNTAS...

#SON/ LUCIANO - TC 02:13

"ISSO AÍ É MUITO IMPORTANTE: A PESSOA CHEGAR PRA GENTE, SABER COMO É QUE A GENTE TÁ NÉ, NO BRASIL"

#OFF

É ESTE O OBJETIVO DO CENSO: SABER QUANTOS SÃO, QUEM SÃO E COMO VIVEM OS BRASILEIROS. ISSO SERVE PRA ORIENTAR POLÍTICAS PÚBLICAS POR EXEMPLO.

(PODE CAIR ESSE OFF ACIMA)

DEPOIS DE DOIS MESES DE RECENSEAMENTO, OS DADOS DE METADE DOS DOMICÍLIOS DO PAÍS FORAM REGISTRADOS.

A MÉDIA É MAIOR NA REGIÃO NORDESTE (65,6%)

#SON/ FRANCISCO LOPES - SUPERINTENDENTE/ IBGE-CE - CLIP 004 - TC 31:30

"UM DOS FATORES É QUE NÓS ESTAMOS COM RECENSEADORES SUFICIENTES NO MOMENTO. ///32:04 /// A REGIÃO NORDESTE TEM UMA CARÊNCIA DE EMPREGO, ENTÃO O CENSO FOI UMA OPORTUNIDADE DE EMPREGAR PESSOAS POR UM NÚMERO DE MESES, QUE VAI CHEGAR A QUATRO MESES, E QUE , COM ISSO, A GENTE TEM PESSOAS QUE ESTÃO EFETUANDO UM TRABALHO PERCEBENDO SEU SALÁRIO"

#OFF

O CEARÁ SE DESTACA COMO TERCEIRO ESTADO DO PAÍS EM SETORES CONCLUÍDOS, ATRÁS APENAS DE SERGIPE E PIAUÍ.

NAS ÁREAS URBANAS, A AUSÊNCIA DOS MORADORES NAS CASAS DURANTE O DIA E O MEDO CAUSADO PELA VIOLÊNCIA EXIGEM MAIS DOS

RECENSEADORES.

#SON/ FRANCISCO DAS CHAGAS MARTINS- RECENSEADOR- CLIP 064 - TC 15:47

"A INSEGURANÇA, PRINCIPALMENTE AQUI NA PERIFERIA, É MUITO GRANDE. AS PESSOAS NÃO ABREM A PORTA PRA QUALQUER UM"

#OFF

MESMO ASSIM, O FRANCISCO DAS CHAGAS JÁ CONSEGUIU ENTREVISTAR QUASE DOIS MIL MORADORES (1901) E É UM DOS CAMPEÕES DO CENSO NO BRASIL !

#SOBE-SOM (ELE APLICANDO QUESTIONÁRIO) - CLIP 044 - TC 05:05

"EXISTE MAIS ALGUMA PESSOA QUE, NORMALMENTE, VIVE AQUI, MAS, ESTÁ AUSENTE POR MOTIVO DE TRABALHO ???"

#VOLTA SON/ FRANCISCO- CLIP 064 - TC 14:58

"EU SAIO OITO DA MANHÃ E CHEGO OITO DA NOITE AQUI. // 15:02 // DURANTE O DIA VOCÊ PEGA UM TIPO DE PESSOAS E A NOITE VOCÊ PEGA O RESTANTE QUE ESTÃO CHEGANDO"

#SON/ VANDERLENE DE SOUSA PAULA - DONA DE CASA - CLIP 062 - TC 12:56

"AJUDA MUITO TAMBÉM PORQUE ELE É CONHECIDO NÉ, A GENTE JÁ CONHECE, AÍ FICA BEM MAIS FÁCIL DE ABRIR A PORTA, ATENDER"

#PASSAGEM - CLIP 035

"NAS CIDADES UMA DAS ESTRATÉGIAS DO IBGE É DAR AOS RECENSEADORES A POSSIBILIDADE DE ESCOLHER SETORES PERTO DE CASA OU NO PRÓPRIO BAIRRO. ISSO FACILITA O DESLOCAMENTO E TAMBÉM O CONTATO COM PESSOAS QUE SÃO VIZINHAS OU CONHECIDAS"

#OFF

ISSO CONTRIBUIU PARA O ANDERSON ENTREVISTAR MAIS DE MIL PESSOAS. MAS, A DEDICAÇÃO AO TRABALHO TEM SIDO FUNDAMENTAL PRA AJUDAR O IBGE A DESCOBRIR O PERFIL DOS BRASILEIROS...

#SON/ ANDERSON SOUSA QUEIROS - RECENSEADOR - CLIP 005 - TC 37:28

"INSISTÊNCIA. E PERGUNTAR AO VIZINHO QUE HORAS É O MELHOR HORÁRIO PRA ENCONTRAR A PESSOA. E EXPLICAR /// QUAL O SENTIDO DO CENSO, QUE É ALGO MUITO IMPORTANTE PRA POPULAÇÃO, PRA TODOS OS BRASILEIROS NÉ"

#SON/ SUELY TEIXEIRA SANTOS - CABELEIREIRA - CLIP 046 - TC 06:23

"FOI RAPIDINHO. ABRA A PORTA, DÊ CHANCE PRA TERMINAR ESSE SERVIÇO, QUE ESSE É UM SERVIÇO IMPORTANTE PRA POPULAÇÃO"

Nota pé

DURANTE A PRODUÇÃO DESTA REPORTAGEM/ DIANTE DESSE GRANDE TRABALHO DOS RECENSEADORES/ NOSSA EQUIPE PROCUROU A DIREÇÃO DO IBGE PARA SABER A RESPEITO DA PREVISÃO DE CONCLUSÃO DO CENSO

DOIS MIL E VINTE DOIS// A PRESIDÊNCIA DO INSTITUTO NOS RESPONDEU LOGO APÓS O FECHAMENTO DA MATÉRIA/ DIZENDO QUE A PREVISÃO DE CONCLUSÃO DA CONSULTA É JANEIRO DE DOIS MIL E VINTE E TRÊS//

Outra parte que compõem a ficha de arquivamento de cada documento, é o número da mídia ou fita onde aquela matéria está. A depender do tipo de mídia, pode-se designar o número para o arquivo, por exemplo, clipe 01 dentro da fita de número tal. Já no caso de arquivos em fita, é necessário a indicação do tempo em que a matéria vai estar dentro da fita. Além disso, no caso de mídia em blu ray, onde os arquivos são armazenados de forma semelhante a um pendrive, é indicado que se archive na ficha a retranca do documento, ou seja, o nome a qual ele está nomeado dentro da mídia.

Para conclusão deste último capítulo, é necessário mais uma vez lembrar da importância dos profissionais do arquivo, é o reconhecimento que estes devem ter em ter seus nomes creditados nas matérias como parte da equipe de produção. Afinal já ficou claro aqui, que grande parte da qualidade do que é veiculado na televisão depende do trabalho de arquivistas e bibliotecários, e conseqüentemente da estrutura de trabalho dada a eles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das constatações explicitadas no presente trabalho, a primeira conclusão a que chegamos é a relação de proximidade tanto como objeto de estudo, como por necessidade, entre a CI e a CC. Enquanto a CI se mostra mais aberta e atualizada em consumir e agregar conceitos adquiridos e teorizados em outras áreas, a Comunicação parece um pouco reticente a isso, com até mesmo parte da comunidade acadêmica da área desconhecendo a existência da Ciência da informação e por consequência sua importância.

Tal realidade pode ser uma das causas que expliquem a situação de alguns arquivos de telejornalismo no país, e talvez até mesmo a possível falta de valorização que alguns arquivistas e bibliotecários atuantes na área se queixam.

Felizmente, a mídia brasileira avançou muito na preservação de seus arquivos e na através de uma consciência de arquivamento, fato que foi possível com a chegada ao Brasil das fitas de VT. Apesar do contexto citado anteriormente, a situação de muitos arquivos no Brasil e preservação da memória e do entendimento desses documentos como patrimônio, é presente em muitas organizações, apesar muitas vezes da falta de condições necessárias em algumas unidades de informação.

Passando da extinta TV Tupi às grandes redes de Televisão e suas afiliadas, a criação dos arquivos de televisão tornou-se algo comum no Brasil. Todas as grandes redes possuem arquivos, e a maior rede de arquivos pertence à maior rede de Televisão - a Rede Globo.

Porém, para recuperação eficaz e eficiente desses documentos dentro dos arquivos, é preciso técnicas de representação descritiva e temática, além do entendimento das especificidades dos documentos telejornalísticos e das formas de solicitação dos usuários.

No decorrer do trabalho dissertamos sobre as melhores formas de representação da informação, a divisão da representação temática entre noticiosa e iconográfica e a dependência da representação temática iconográfica em relação à representação descritiva. A divisão dos descritores que vão ligar a matéria entre os descritores oriundos do assunto em questão e os descritores oriundos da representação temática iconográfica.

Com base nessas especificidades, obtivemos um modelo de ficha para os documentos telejornalísticos, com a preocupação da recuperação precisa da informação. Assim o modelo de ficha para o documento, contempla a representação descritiva, as equipes de atuação da produção da matéria, entrevistados, e a transcrição do áudio. Chegamos a conclusão que cada uma dessas partes pode conter dados a ser utilizada pelo usuário durante o atendimento ou professora de busca direta no sistema.

A relação entre a Ciência da Informação com a Comunicação, deve se intensificar, e se aprimorar, visto que as áreas compartilham muitas preocupações e desafios em comum, o que fica evidente principalmente quando observamos a pandemia de informação e desinformação que a sociedade moderna atravessa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F *et al.* **Profissional da Informação: entre o espírito e a produção.** Separata de: VALENTIM, Murta Lígia Pomim (org.). O Profissional da Informação: formação, perfil e atuação profissional. 1. ed. São Paulo: Polis, 2000. cap. 1, p. 31-52. ISBN 85-7228-011-1.

ARAÚJO, C. P. Informação, comunicação e saúde: campo interdisciplinar em construção. **Informação & Comunicação**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 45-59, jan./jul. 2011. Semestral.

ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARQUIVO Nacional. Diretório Brasil de Arquivos Encontre instituições, pessoas e acervos: **Associação dos Arquivistas Brasileiros.** Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/associacao-dos-arquivistas-brasileiros>. Acesso em: 12 out. 2022.

BAHIA, Juarez. Jornalismo, informação, comunicação. São Paulo: Ática, 1999.

BARBOSA, R. R. et al. Novo nome e novo paradigma: da biblioteconomia à ciência da informação. *Perspect. Cienc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 5, n. Especial, p. 81-91, jan./jun. 2000.

BAXTER, G.; MARCELLA, R. Scottish citizens' perceptions of the credibility of online political "facts" in the "fake news" era: an exploratory study. *Journal of Documentation*, v. 75, n. 5, p. 1100-1123, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-10-2018-0161/full/html>. Acesso em: 03 ago. 2022.

BAZI, Rogério. PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO NOS CAMPOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA: possíveis interfaces. Intexto, Porto Alegre, ano 2007, v. 1, ed. 18, p. 1-14, 2007.

BELLOTTO, H. L. Arquivos permanentes: tratamento documental. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. São Paulo: Edusp, 1992.

BOND, Fraser F. Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas. 2. ed. Tradução Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BORKO, H. Information science. What is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5. jan. 1968.

BRAMBILLA, Ana Maria. Comunicação e informação: diálogos possíveis. Trabalho de conclusão da disciplina Teorias da comunicação e da informação do Programa de Pós-

Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, jul. 2004. Disponível em: http://ambrambilla.blaz.com.br/teorias_info_com.pdf. Acesso em: 28 set. 2022.

BRASIL. Classificação brasileira de ocupações. 2010. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-1.pdf>. Acesso em: 03 out. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 4.084, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. 1962. Disponível em: . Acesso em: 22 set. 2022.

BRASIL. Projeto de Lei nº 4.351/1984. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Arquivistas. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4AF711D8657FF7D71D87D6C926987BF4.proposicoesWeb1?codteor=1163199&filename=Avulso+-PL+4351/1984. Acesso em: 02 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. 1978a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6546.htm. Acesso em: 03 out. 2022.

BRASIL. Decreto nº 82.590, de 6 de novembro de 1978. Regulamenta a Lei nº 6.546, de 4 de julho de 1978, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo. 1978b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d82590.htm#:~:text=DECRETO%20No%2082.590%2C%20DE,e%20de%20t%C3%A9cnico%20de%20Arquivo. Acesso em: 08 out. 2022.

BUARQUE, Marco Dreer. Estratégias de preservação de longo prazo em acervos sonoros e audiovisuais.

Anais do IX Encontro Nacional de História Oral, Universidade Vale do Rio dos Sinos, 22 a 25 de abril 2008.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUSETTO, A. **Vale a pena ver de novo**: organização e acesso a arquivos televisivos na França, Grã-Bretanha e no Brasil. *História* vol.33 no.2 Franca July/Dec. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742014000200380 >. Acesso em 10 out 2022.

CAPURRO, R., HJØRLAND, B. The concept of information. In: *Annual Review of Information Science and Technology*. v. 37, p.343-411, 2003.

CASA DOS FOCAS. **Mini-glossário de telejornalismo**. Disponível em: <https://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/#:~:text=Decupagem%20ou%20decupar%3A%20assistir%20ao,reportagem%20ou%20texto%20do%20apresentador>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CASTRO, A. de M. e C. Arquivologia: sua trajetória no Brasil. Brasília: Stilo, 2008.

CAVALCANTI, Cordelia R. Indexação e tesauro: metodologia e técnicas. Brasília: ABDF, 1978.

COLOMBO, Fausto. Os arquivos imperfeitos. São Paulo: Perspectiva S.A., 1991.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. Estudos Históricos, v. 21, n. 1, p. 129-149, 1998.

COUZINET, Viviane. Olhar crítico sobre as Ciências da Informação na França. *In: WORKSHOP EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E ENSINO 194 NA PÓS-GRADUAÇÃO*, Niterói/RJ, 11 a 12 de novembro de 2004. *Anais [...]* Niterói: ANCIB; UFF, 2004. p. 21-37.

CUNHA, M. V. da. O papel social do bibliotecário. Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. 15, p. 42-46, 2003.

DA ROCHA, G. L. De Silvio na “Praça” aos festivais da canção, acervo das TVs tem raridades. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/09/29/entrenchentes-e-incendios-arquivo-das-tvs-brasileiras-guardam-raridades.htm>>. Acesso em: 14 set. 2022.

DEOLHONACARREIRA, PP Pouco conhecido, o CEDOC é um departamento vital para o jornalismo da TV Globo . Disponível em: <<https://deolhonacarreira.com/2013/12/09/pouco-conhecido-o-cedoc-e-um-departamento-vital-para-o-jornalismo-da-tv-globo/>>. Acesso em: 14 Nov. 2022.

EDMONDSON, R. Uma filosofia dos arquivos audiovisuais. Paris: UNESCO, 1998.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Catulino Pereira da Rosa Estudos Monitorados - Educação de Jovens e Adultos Aluno(a): Período de 27 de julho a 21 de agosto Professora: Josiane Lacerda Componente Curricular: Língua Portuguesa Totalidade: 6 Aula: 01 .

Disponível em:

<https://www.domfeliciano.rs.gov.br/arquivos/portuguEs_t6_4%C2%AA_quinzena_12041412.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

FALAÇÃO: **Comunicação, Democracia e Verdade Factual**, com Eugênio Bucci. [Locução de]: Redação Portal Aberje. Entrevistada: Eugenio Bucci. Porto Alegre: Aberje, 9 ago. 2021. Podcast.

FERIN, Isabel. **Comunicação e culturas do cotidiano**. Portugal: Quimera, 2002. (O que é).

FREIRES, Thiago Gaudêncio Siebert. **Relações entre a Ciência da Informação e as ciências da comunicação**: um estudo dos conceitos de representação documentária, mediação e comunicação. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade de São Paulo. Disponível em: infocultura.info/rabci/trabalhos-62k. Acesso em 02 out. 2022.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FONSECA, M. O. K. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GALARÇA, S. L. S. Pirâmide invertida, lead clássico e interesse público: 50 anos depois, jornalismo impresso catarinense ainda segue padronização. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. Anais do XXX Congresso da Intercom, 2007.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A vinculação dos conhecimentos: entre a razão mediada e a razão leve. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.1, n.1, mar. 2005.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação. Tradução Miriam Vieira da Cunha. 2. ed. Brasília: IBICT, 1994.

HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. Knowledge Organization, Wurzburg. v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

JAMBEIRO, Othon. A TV no Brasil do século XX. Salvador: 2002, EDUFBA.

JANUÁRIO, S. B. B. A relação interdisciplinar entre a ciência da informação e a ciência da comunicação: o estudo da informação e do conhecimento na biblioteconomia e no jornalismo. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 7, n. 2, p.151-165, jan./jun. 2010.

JAPIASSÚ, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JOB, I.; OLIVEIRA, D. A. Marcos históricos e legais do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil. **Revista ACB**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 259-272, dez. 2006. ISSN 1414-0594. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/327>. Acesso em: 28 out. 2022.

LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. 4a Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

LE COADIC, Y. F. A ciência da informação. Brasília: Briquet de Lemos. 1996.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004. 124 p., il.

MACIEL, Kelvin Custódio; AFONSO, Raffaella Dayane. Fundamentos da Arquivologia. 1. ed. Indaial: Uniasselvi, 2020. 187 p. ISBN 978-65-5663-287-2.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARICATO, João de Melo; REIS, Filipe. Relações interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação: uma análise a partir de citações, formação das bancas e palavras-chave das teses das áreas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 22, ed. 1, p. 112-132, 2017.

MARTÍN-POZUELO CAMPILLOS, María Paz. La construcción teórica en archivística: el principio de procedencia. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid: Boletín Oficial del Estado, 1996.

MARTINO, L. C. Abordagens e representação do campo comunicacional. **Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 33-54, nov, 2006.

MATTOS, Sérgio. História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDONÇA, Ercilia Severina. A organização e a representação do conhecimento no tempo. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EDUFSC, n.38, p.277-294, out. 2005. Disponível em: www.cfh.ufsc.br/~revista/edicoes_revista38.htm. Acesso em: 5 de out. 2022.

MELO, José Marques de. **Comunicação Social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 9-79. Parte 1 - Teoria. (Meios de Comunicação Social, 1).

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. *In*: OLIVEIRA, Marlene de. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. cap. 1. p. 9-28. (Coleção Didática).

ORTEGA, Cristina Dotta. **Informática documentária: estado da arte**. Orientador: Maria de Fátima G. M. Tálamo. 2002. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Discente, São Paulo, 2002.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: http://www.dgz.org.br/out04/F_I_art.htm. Acesso em: 22 out. 2022.

PAES, Marielena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PEARCE-MOSES, R. *A glossary of Archival and Records terminology*. Chicago: The Society of American Archivists, 2005. Disponível em: <http://files.archivists.org/pubs/free/SAA-Glossary-2005.pdf>. Acesso em: 29 set. 2022.

PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 15, n. 1, p. 1-22, 2005.

PINTO, Virginia Bentes; MEUNIER, Jean-Guy; NETO, Casemiro Silva. A CONTRIBUIÇÃO PEIRCIANA PARA A REPRESENTAÇÃO INDEXAL DE IMAGENS VISUAIS. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 25, ed. 1, p. 15-35, 2008.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE*, 2003, Porto. **Anais...** Lisboa: 2003.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. Os fundamentos da disciplina arquivística. Lisboa: Dom Quixote, 1998. 356 p.

SANTOS, Francisco Edvander Pires. Documentos e Informações Audiovisuais: a teoria arquivística e as técnicas da Biblioteconomia aplicadas à organização de arquivos de TV. *DataGramZero: Revista de Ciência da Informação*, [s. l.], v. 14, n. 5, p. 1-9, 2008.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectiva em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SATO, P. Quando surgiram os primeiros veículos da imprensa brasileira? Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2387/quando-surgiram-os-primeiros-veiculos-da-imprensa-brasileira>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SCHELLENBERG, Theodore R. Arquivos modernos: princípios e técnicas. 6. ed. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; MOMM, Christiane Fabíola; BENKENDORF, Shyrlei K. Jagielski. Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. 1. ed. Indaial: Uniasselvi, 2018. 246 p. v. 1. ISBN 978-85-515-0224-2.

SHATFORD, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. *Cataloging & Classification Quarterly*, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SMITH, L. C. Interdisciplinarity: Approaches to understanding library and information science as an interdisciplinary field. *In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). Conceptions of library and information science: historical, empirical, and theoretical perspectives*. London, UK: Taylor Graham Publishing, 1992. p. 253-267.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **A representação da imagem. Informare**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? *In: LARA, M. L. G. et al. Informação e Contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46.

SOBRE a CAPES. *In: Capes*. [S. l.], 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/sobre-a-cap>. Acesso em: 11 out. 2022.

SOUZA, José Jullian Gomes de. Os Arquivos de imagem de emissoras de televisão no Brasil. *Nava: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design.UFJF, Juiz de Fora*, v. 7, ed. 1, p. 106-123, 2021.

SOUZA, José Jullian Gomes de; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. Proposta de representação temática para o documento audiovisual jornalístico universitário. *Ciência da Informação*, Brasília-DF, v. 49, ed. 2, p. 103-116, 2020.

STUMPF, Ida Regina; WEBER, Maria Helena. Comunicação e Informação: conflitos e divergências. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 121-134. (Coleção Comunicação Contemporânea, 1).

TEMER, A. C. R. P.; NERY, V. C. A. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Edufu, 2009.

WEBER, K. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2006.